



# PUC

PROCESSO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E  
CRISE DE IDENTIDADE DA ADOLESCÊNCIA

30

ANA MARIA ALVARES MACHADO

TESE DE MESTRADO

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1973

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marquês de São Vicente, 209 — ZC-20  
Rio de Janeiro — Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROCESSO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E  
CRISE DE IDENTIDADE DA ADOLESCÊNCIA

por

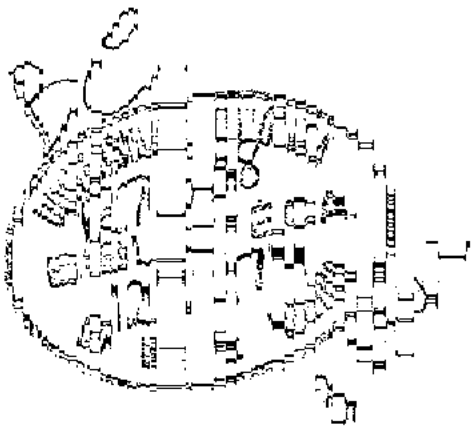
Ana Maria Alvares Machado

Tese submetida como requisito parcial para  
a obtenção do grau de

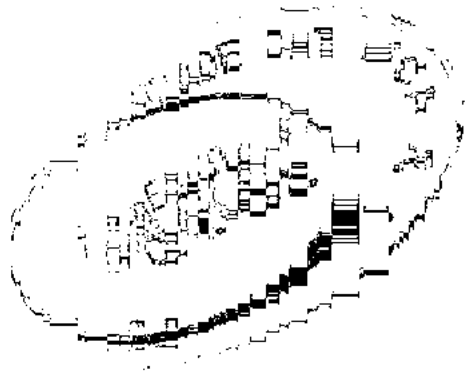
MESTRE EM PSICOLOGIA

---

Rio de Janeiro, GB, fevereiro de 1973.



VE-19603-3



14-19  
See Ve.

ROCC

O meu sincero agradecimento à Prof. Maria Helena Novaes Mira pela atenção que me dispensou orientando este trabalho.

Aos professores que de alguma forma me ajudaram, em especial ao Prof. Carlos Paes de Barros, expressei minha gratidão pela amizade e interesse demonstrados ao longo do Curso de Mestrado.

Aos meus Orientandos agradeço o muito que aprendi com eles.

A CAPES e ao Departamento de Psicologia da PUC - RJ, o meu reconhecimento.

## S U M Á R I O

O presente trabalho visa apresentar uma abordagem da Orientação Vocacional que se centre no adolescente e suas necessidades tornando-o responsável pela própria opção profissional. Esta se fará assim por uma decisão madura, pessoal e autônoma.

Para tanto será necessário levar em consideração princípios de psicologia do adolescente e de teorias e técnicas psicoterápicas, tornando a Orientação Vocacional um processo tão dinâmico quanto o próprio sujeito a que se destina.

Desta forma, a Orientação Vocacional visa fornecer um "modelo de como se realiza uma escolha", não pretendendo obrigatoriamente chegar a esta escolha no momento em que se dá o processo. Espera-se que o adolescente seja capaz de chegar a ela, mais tarde e sozinho, caso o momento da Orientação Vocacional seja ainda prematuro para a concretização da decisão.

Neste sentido nos encontramos diante de um trabalho de caráter psicoprofilático, que almeja prevenir dificuldades futuras devidas a uma escolha inadequada ou apressada.

Além dos conhecimentos teóricos e práticos, dos quais compilamos um resumo baseado em nossa experiência pessoal, salientamos a necessidade do Orientador realizar por si-mesmo uma análise que lhe possibilite a tomada de uma posição ideológica diante da própria atividade profissional. Esta análise deve compor-se de considerações gerais sobre Organização Social, Economia, Política, Educação, Filosofia, Psicologia do Trabalho, enquanto temas relacionados diretamente à vida profissional. E mais especificamente, deverá englobar uma reflexão pessoal sobre =

as diversas abordagens possíveis na Orientação Vocacional para que o próprio Orientador possa fazer uma escolha autônoma e responsável do tipo do trabalho que deseja realizizar. Isto fará com que tenha bem claras para si as especificações de sua tarefa, e não permita uma confusão com a de outros profissionais, tais como o Sociólogo, o Pedagogo e o Professor, que também se enquadram no processo de Orientação Vocacional. O auto-conhecimento se faz igualmente necessário, evitando o envolvimento emocional e a confusão interna do próprio Orientador.

Considerando que estas reflexões estão ligigadas à identidade do Orientador, e que portanto devem ser elaboradas em termos muito pessoais, prosseguimos o trabalho apresentando o que nos pareceu mais relevante em termos teóricos e práticos quanto aos temas estreitamente ligados a Orientação Vocacional.

Parece-nos igualmente importante que o Orientador chegue à própria posição teórica e prática através de uma síntese de seus estudos aliados à experiência prática pessoal. É justamente esta síntese que pretendemos facilitar com a apresentação deste trabalho.

Fundamentando nosso pensamento no fato da adolescência ser constituir numa fase marcante de "crise normativa" (Erikson), pretendemos salientar a importância das mudanças bruscas e rápidas que levam ao estabelecimento da identidade pessoal final e sua conseqüente influência numa tomada de posição do indivíduo diante da Vida.

Por isto formulamos a idéia de que os conceitos de identidade ocupacional e vocacional, integrantes da identidade pessoal, constituem-se no núcleo central de um processo de Orientação Vocacional.

Para tanto apresentamos uma síntese das = mudanças físicas, cognitivas, afetivas e no relacionamento sócio-familiar, que compõem o conjunto dos fatores de sencadeantes das transformações e dos conflitos que levam à formação da identidade final.

A resolução destes conflitos e a preocupação com o estabelecimento da identidade ocupacional, em função da identidade vocacional, constituem-se na tarefa do psicólogo no processo da Orientação Vocacional. Por este motivo, relacionamos alguns esquemas úteis ao diagnóstico e acompanhamento por parte do Orientador.

Em se tratando de um trabalho voltado para o adolescente e suas necessidades, em que se exige por isto muita flexibilidade, os esquemas apresentados se constituem em meras diretrizes básicas a serem desenvolvidas por cada Orientador em função da própria formação e das características de cada Orientando.

Esperamos que as idéias aqui expostas sejam desenvolvidas em futuros estudos e pesquisas, pois se trata de uma abordagem ainda muito nova, necessitando de maior elaboração.

## S O M M A I R E

Ce travail vise présenter un abordage de l'Orientation Vocationnelle centrée sur l'adolescent et ses besoins, tout en le rendant responsable de sa propre option professionnelle. Celle-ci se fera ainsi par une décision mûre, personnelle et autonome.

Afin d'atteindre ce but il sera nécessaire de prendre en considération les principes de la Psychologie de l'Adolescent et des théories et techniques psychothérapeutiques, rendant l'Orientation Vocationnelle un procès aussi dynamique que le sujet auquel elle est destinée.

De cette façon, l'Orientation Vocationnelle aspire à fournir un "modèle pour la réalisation d'un choix" ne prétendant pas obligatoirement atteindre ce choix au moment même du procès. On espère que l'adolescent soit capable de l'atteindre, plus tard et par lui-même, si au moment de l'Orientation ce choix se présente comme précoce.

En ce sens, nous nous trouvons face à un travail psychoprophylactique, qui se propose prévenir les difficultés futures dues à un choix inadéquat et hâté.

En plus des connaissances théoriques et pratiques, desquelles nous avons compilé un abrégé fondé sur notre expérience personnelle, nous avons accentué la nécessité de l'Orienteur réaliser par lui-même une analyse qui possibilite une prise de position idéologique face à son activité professionnelle. Cette analyse devra se composer de considérations générales sur l'Organisation Sociale, l'Economie, la Politique, l'Education, la Philosophie, la Psychologie du Travail, en tant que thèmes en rapport direct avec la vie professionnelle. D'une façon plus spécifique, cette analyse devra comprendre une ré-



flexion personnelle sur les différents abordages possibles en Orientation Vocationnelle pour que l'Orienteur puisse -- faire lui-même un choix autonome et responsable du genre de travail qu'il désire réaliser. Ceci lui permettra réaliser sa tâche suivant des spécifications précises, empêchant une confusion avec la tâche d'autres professionnels, comme le sociologue, le pédagogue et le professeur, qui font aussi partie du procès de l'Orientation Vocationnelle. Une connaissance personnelle de soi-même est également nécessaire pour éviter un compromis émotionnel et la confusion interne de l'Orienteur.

Considérant que ces réflexions sont liées à l'identité de l'Orienteur, et que par conséquent, elles doivent être élaborées en termes très personnels, nous continuons notre travail présentant ce qui nous a paru être le plus important du point de vue théorique et pratique quant aux thèmes étroitement liés à l'Orientation Vocationnelle.

Il nous paraît également important que l'Orienteur aboutisse à une position théorique et pratique personnelle, par une synthèse de ses études avec son expérience pratique.

C'est justement cette synthèse que nous prétendons faciliter par la présentation de ce travail.

Fondant notre pensée sur le fait que l'adolescence constitue une phase de "crise normative" (Erikson) nous prétendons détacher l'importance des changements brusques et rapides qui mènent à l'établissement de l'identité personnelle finale et sa conséquente influence sur une prise de position de l'individu face à la Vie.

En conséquence nous avons formulé l'idée que les concepts d'identité occupationnelle et vocationnelle, éléments intégrants de l'identité personnelle, constituent le point central d'un procès d'Orientation Vocationnelle.

Nous présentons alors une synthèse des changements physiques, cognitifs, affectifs et dans les relations socio-familiales qui composent l'ensemble des facteurs qui déclenchent les transformations et les conflits qui mènent à l'établissement de l'identité finale.

La résolution de ces conflits et la préoccupation avec l'établissement de l'identité occupationnelle, en fonction de l'identité vocationnelle, constituent la tâche du Psychologue dans le procès de l'Orientation Vocationnelle. Pour cette raison, nous avons organisé des schémas utiles au diagnostique et à l'accompagnement de la part de l'Orienteur.

En s'agissant d'un travail destiné à l'adolescent et à ses besoins, et qui exige par conséquent beaucoup de flexibilité, les schémas présentés constituent de simples idées directrices que devront être développées par chaque Orienteur en fonction de sa formation et des caractéristiques de chaque sujet de l'Orientation.

Nous espérons que les idées ici exposées soient développées par des futures études et recherches, car il s'agit d'un abordage encore très nouveau, réclamant une élaboration plus étendue.

## I N D I C E

INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO 1 - Orientação Vocacional: uma tomada de posição ideológica.	
1.1 - Reflexões preliminares .....	04
1.2 - Breve histórico .....	08
CAPÍTULO 2 - A adolescência, fase de mudanças.	
2.1 - Mudanças físicas e suas consequências diretas .....	18
2.2 - Mudanças cognitivas e afetivas ....	26
2.3 - Mudanças no relacionamento sócio-familiar .....	29
CAPÍTULO 3 - A crise de identidade na adolescência.	
3.1 - A adolescência "normal" e o adolescente no limiar da patologia .....	35
3.2 - A formação da identidade pessoal ..	39
3.3 - Identidade ocupacional e vocacional	45
CAPÍTULO 4 - O processo de Orientação Vocacional.	
4.1 - O Orientador e seu papel no processo da Orientação Vocacional .....	53
4.2 - O Orientando no processo da Orientação Vocacional .....	56
4.3 - A relação Orientador-Orientando ...	59
4.4 - Pontos referenciais básicos do processo da Orientação Vocacional ....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
BIBLIOGRAFIA .....	73

## I N T R O D U Ç Ã O

A Orientação Vocacional ou Profissional, como foi chamada inicialmente, nasceu da necessidade de ajudar o indivíduo a se instalar no mundo profissional. Geralmente ligada às escolas, a Orientação Profissional tinha portanto como finalidade orientar o aluno na escolha de uma profissão.

Este método contudo deixava uma margem relativamente pequena a uma escolha realmente autônoma. O técnico que se dedicava à Orientação Profissional baseando-se no estudo das profissões, dos requisitos para seu exercício, das aptidões e dos interesses manifestados pelos indivíduos, julgava-se apto para orientar aconselhando, muitas vezes de forma coercitiva, e tomar para si a responsabilidade da escolha.

Hoje em dia, com o desenvolvimento da Psicologia de um modo geral, da Psicologia do Adolescente e das teorias e técnicas psicoterápicas mais particularmente, parece-nos que a Orientação Vocacional pode tomar um rumo diverso, centrando-se no adolescente e suas necessidades, tornando-o responsável pela própria opção profissional através do uso de técnicas que o levem a realizar esta escolha de forma madura e autônoma.

O presente trabalho visa propor uma abordagem da Orientação Vocacional que tome em consideração os recentes conhecimentos desenvolvidos a respeito da psicologia do adolescente, cujo estudo tem sido mais aprofundado nestes últimos anos. Vista como "uma idade de crise normativa" (Erikson), a adolescência se caracteriza por mudanças bruscas e rápidas, que se sucedem num ritmo vertiginoso, deixando o indivíduo desorientado e angustiado consigo mesmo. E é justamente em meio a todas estas transformações pelas quais está passando, que o jovem se vê exigido a definir-se sexualmente, profissionalmente, e assim por diante.

Será preciso então propor, à luz das modernas teorias psicológicas, a superação de uma posição tradicional de Orientação Profissional que pretende dar respostas determinadas e definitivas ao jovem, e cuja rigidez estará em flagrante contradição com o processo de evolução constante e acelerada que vive o adolescente naquele momento.

Defendemos então a necessidade da Orientação Vocacional se tornar um processo tão dinâmico quanto o próprio sujeito a que se destina, ajustando-se a ele, acompanhando o "momento" em que se encontra, almejando fornecer-lhe muito mais um "modelo de como se realiza uma escolha" do que propor-lhe a escolha já pronta como resposta às suas dúvidas.

Este nos parece ser o melhor método para preparar o indivíduo face à opção profissional: fornecer-lhe elementos a fim de que possa realizar uma escolha madura, ajustada, pessoal, autônoma e responsável, - no momento adequado -. De fato, consideramos que o momento em que se processa a Orientação Vocacional pode não ser o mais oportuno a esta escolha, principalmente por uma questão de amadurecimento pessoal do jovem. No entanto, isto não impede que o adolescente se submeta ao processo, pois a finalidade deste é fornecer-lhe o instrumental necessário para que realize sua opção profissional, mesmo que o faça mais tarde e sozinho.

Em função deste enfoque, o trabalho de Orientação Vocacional terá um caráter eminentemente psicoprofilático, e portanto consoante às mais modernas aspirações do atendimento psicológico.

A dissertação está dividida em quatro partes.

Na primeira é desenvolvida a necessidade do que convencionamos chamar uma "tomada de posição ideológica" do Orientador, seguida de um breve histórico dos principais enfoques até agora adotados em Orientação Vo-

cacional. Em seguida, numa segunda parte, proporemos uma descrição dos diversos planos das mudanças que caracterizam a adolescência, v.g., mudanças físicas, cognitivas e afetivas, e de relacionamento sócio-familiar. A idéia central é desenvolvida na parte terceira, quando organizamos e apresentamos diversas teorias acerca da crise de identidade do adolescente, procurando estabelecer uma abordagem das questões mais pertinentes à Orientação Vocacional, relacionadas à formação da identidade pessoal, ocupacional e vocacional, sobre as quais se baseia o processo de Orientação, influenciando diretamente a própria escolha e decisão profissional do adolescente. Na parte final são desenvolvidas algumas diretrizes a partir dos pontos já expostos, valendo a ressalva de que é impossível formular planos rígidos de trabalho ou esquemas pré-estabelecidos, pois a flexibilidade e a capacidade de improvisação são requisitos essenciais ao profissional que se dedica ao atendimento de adolescentes. Procuramos, portanto, apenas elaborar alguns princípios gerais, que esperamos venham servir de ponto de partida para aqueles que se dedicam à Orientação Vocacional. Para tanto, procedemos principalmente reformulando técnicas de investigação, definindo o papel do Orientador e do Orientando, e ressaltando a importância da dinâmica indivíduo-meio familiar e social.

Enfim, o que pretendo deixar aqui é uma síntese das formulações teóricas que foram úteis em minha atividade como Orientadora e algumas colocações de ordem prática, vindas de minha experiência pessoal.

## ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: UMA TOMADA DE POSIÇÃO IDEOLÓGICA\*

### REFLEXÕES PRELIMINARES

A Orientação Vocacional será um fenômeno inteiramente "novo"? Sem dúvida que se a entendemos como um processo partindo de formulações científicas desenvolvidas com algum rigor teremos que nos restringir a um trabalho realizado por equipes de psicólogos a partir do estudo e da aplicação dos testes de inteligência em princípios do século. Se, entretanto, localizarmos a Orientação Vocacional dentro da situação social em que se insere, veremos que é inseparável de uma tomada de posição ideológica, que leva em conta o indivíduo e procura defini-lo em termos de Vida. Ela será, então, parte de uma visão global que iremos encontrar em todas as épocas.

Poderíamos detectar uma primeira forma de preocupação em torno do problema da escolha - e determinação - de um objetivo profissional definido no próprio momento em que se coloca em questão a atividade profissional, v.g., quando se estuda seu papel na Sociedade e na Divisão Racional do Trabalho. Assim é que Platão, na "República" e mais tarde nas "Leis", propõe um Estado hierarquizado e estruturado em função de uma distribuição racional dos afazeres individuais, chegando a uma concepção do trabalho especializado e da seleção profissional.

No século XVI, um filósofo espanhol, Huarte de San Juan, ao dedicar seu "Examen de Ingenios para Las Ciencias" (1575) a Felipe II descreve os diversos tipos de engenhos existentes na humanidade e a variação de habilidades observável entre os homens, sendo alguns capazes para um ofício e incapazes para outro. Talvez esteja

---

\* Bibliografia: 5,6,12,13,16,20,21,22.

mos diante do embrião da Orientação Vocacional quando lemos: "... e que artes e ciências correspondem a cada um em particular e com que sinais se deveria conhecer o que era que importava mais". O autor defende a idéia de que os diversos engenhos seriam transmitidos por hereditariedade, cabendo aos pais descobrir qual a "natureza" de seus filhos para que a educação fosse adequada ao desenvolvimento pessoal e promovesse o equilíbrio social. Este sō seria atingido se cada indivíduo se ocupasse de um ofício adequado à própria "natureza". A intenção do autor era justamente a de estabelecer uma distinção entre os engenhos, o que viria a facilitar a tarefa posterior de pais e educadores.

Mais tarde, no século XVII, Leibniz defende a necessidade de uma preparação especial para as distintas profissões, e Locke uma formação prática e utilitária ao lado da antiga formação douta. Pascal por sua vez acentuou o aspecto fortuito da escolha de uma profissão frisando que no entanto "o mais importante de toda a vida é a escolha do ofício."

Frederico II, da Prússia, no século XVIII, reconheceu as desvantagens de uma organização social rígida e assim escreve a Voltaire: "Uma causa principal de miséria é que muitas pessoas não estão em seu verdadeiro lugar. Alguns comerciantes deveriam ter sido lavradores, alguns funcionários de Estado cavaleiros, alguns cardeais sacristães. Constituem uma minoria os que escolheram seu lugar no mundo. Seu nascimento ou qualquer outra contingência determina sua posição. Por isso há tantos maus sapateiros, clérigos, ministros e príncipes." As medidas tomadas então por Frederico II foram de ordem educativa, e ficaram sob a supervisão dos tradicionais conselhos de professores, o que conduziu a muito pouco resultado na ordem prática.

Com J. J. Rousseau, no século da Razão e da fé nas possibilidades de desenvolvimento do homem, sur



gem as primeiras idéias modernas alusivas aos diversos tipos de trabalho, no sentido de uma preocupação com um estudo psicológico dos mesmos assim como com uma possível orientação dos indivíduos na formação profissional.

A preocupação de filósofos, pedagogos e estadistas com relação à atividade profissional deve levar o Orientador Vocacional a reflexões sobre Política, Organização Social, Educação, e Psicologia do Trabalho, reflexões estas que lhe possibilitarão uma tomada de posição pessoal face à Orientação Vocacional.

Os fatores políticos, sociais e econômicos que influenciam a vida profissional do homem tornam-se muito mais claros ao tentarmos uma visão histórica a partir da Revolução Francesa, quando os princípios de liberdade e igualdade por ela defendidos vão se refletir na livre escolha de profissões: com a supressão das Corporações os integrantes de todas as classes sociais puderam ter acesso a todos os ofícios. Com essa nova abertura e a possibilidade de se escalar posições sociais através do trabalho, as ambições aumentaram. A luta por uma "vida melhor" se torna um objetivo comum e eticamente justificável, o pai já aspira a que seu filho não mais seguirá seu ofício mas terá a oportunidade de uma melhor escola, que o levará a "progredir".

Liberdade, igualdade e progresso, são constantes da História daí para diante. Sua herança em nossos dias é a preocupação com o mercado de trabalho, e as decorrentes "profissões na moda", pois todo homem teria, em princípio, direito ao acesso a qualquer profissão.

Com o século XIX, o movimento operário passa a afirmar que cada homem tem o direito natural e inalienável a desenvolver livre e pessoalmente sua individualidade.

No século XX assistimos à rebelião da juventude que luta pelos direitos humanos e exige liberdade

na escolha da profissão: não é mais a família a dar a palavra final e sim o próprio jovem.

As grandes guerras, a crise econômica de 1930, o desenvolvimento científico e tecnológico e a corrente ampliação das oportunidades no mercado de trabalho com o aparecimento de novas profissões e de novas e amplas especializações, constituem-se em fatores decisivos na vida profissional.

Além do grande número de oportunidades que se oferecem ao jovem, a crescente emulação para o acesso aos empregos, característica da vida profissional dos últimos tempos, torna a Orientação Vocacional cada dia mais importante. Importância esta reconhecida pelas autoridades de Governo que promovem a criação de programas de formação ocupacional e de ensino profissionalizante nas escolas, já em nível secundário.

As preocupações de filósofos, políticos, educadores, vão se refletir na necessidade do profissional que se dedica à Orientação Vocacional levar em conta considerações de cunho histórico, sociológico, econômico, político e pedagógico que possibilitarão a tomada de uma posição ideológica diante da Orientação Vocacional.

Essas considerações tão importantes vêm sendo demasiado esquecidas pelos técnicos da Orientação Vocacional; vale ressaltá-las aqui como um alerta. Não cabe, entretanto, no âmbito deste trabalho, sua análise: - elas serão antes tomadas de posição pessoais, mais ligadas a problemas de identidade do próprio Orientador.\*

Tais tomadas de posição que me parecem de importância primordial para quem quer que se dedica à Orientação Vocacional, serão baseadas numa síntese ideológica pessoal e também requererão um profundo auto-conheci

---

\* Para tanto remeto o leitor ao capítulo 5 do livro de Rodolfo Bohoslavsky (6).

mento, permitindo uma atuação mais objetiva, sem envolvimento emocional pessoal.

Com tudo isto, quero deixar aqui a minha opinião de que considero a Orientação Vocacional um trabalho de equipe de técnicos, onde entram pelo menos o sociólogo, o pedagogo, o professor e o psicólogo.

A este último caberá a tarefa de diagnóstico e acompanhamento na resolução dos conflitos pessoais com que o indivíduo se defronta no momento da escolha vocacional.

Considerando-se que os primeiros problemas que se colocam em relação a esta escolha surgem na adolescência, parece-me básico um conhecimento da Psicologia do Adolescente. Portanto, esta dissertação se fundamenta no que de mais significativo tem sido publicado = nos últimos anos sobre o assunto, selecionando o que possa ser útil a um trabalho de Orientação Vocacional. Para tanto, consideramos importante salientar as mudanças pelas quais passa o adolescente e a crise de identidade = que caracteriza esta etapa do desenvolvimento, o que pode vir a se constituir no esquema básico para uma eventual elaboração futura de um modelo teórico de Orientação Vocacional. Tentarei assim formular alguns pontos referenciais básicos visando esboçar uma sistematização da atitude que me parece ser a mais válida diante da Orientação Vocacional: a de "formar sujeitos com identidade e não modelados pela adaptação a um sistema alienado". (Bleger, (6), pág. 11).

### BREVE HISTÓRICO

Apresentarei a seguir um breve histórico com a finalidade de fornecer base de informações que podem ajudar o Orientador a efetuar sua própria tomada de uma posição ideológica diante da Orientação Vocacional, posição agora ligada especificamente à Psicologia e não mais

a considerações gerais. A segunda finalidade na apresentação deste histórico refere-se diretamente ao objetivo deste estudo e vem a se constituir numa primeira justificativa da linha de trabalho em Orientação Vocacional que resolvi seguir.

São várias as atitudes com relação à Orientação Vocacional que hoje em dia podemos enumerar, desde o simples fornecimento de informação ocupacional, pessoalmente, através de bibliografia especializada, ou pelo uso de computadores\*, seguido ou não de um atendimento pessoal, variando este de acordo com os diversos enfoques possíveis: Rogers e o aconselhamento não-diretivo, Krumboltz e a corrente comportamentista, Bohoslavsky e a estratégia clínica, entre outros.

Vejamos como se chegou a isto.

Talvez possamos situar o início de uma preocupação mais concreta com o que hoje chamaríamos de Orientação Vocacional a partir de Pestalozzi, discípulo de Rousseau, que, no fim do século XVIII e no início do século XIX, preocupava-se em recomendar aos pais de seus alunos que não "prē"-destinassem os filhos a determinadas profissões. Acreditava na existência de uma vocação e defendia a idéia de que esta e as aptidões deveriam constituir-se nos critérios de uma escolha profissional adequada. Para obter esta síntese, Pestalozzi costumava observar seus discípulos na tentativa de descobrir indícios que assinalassem uma concordância especial de suas disposições inatas com tarefas determinadas e isto em função da maturidade de cada um.

A Orientação Vocacional começa a poder dar seus primeiros passos "científicos" no século XX com o

---

\* Para Orientação Vocacional com computadores ver Super (23).

início da Psicometria através da criação dos testes psicológicos elaborados por Binet (1905) na França e dos estudos de Münsterberg, precursor da Psicotécnica, nos Estados Unidos. Ocupava-se este último, em Harvard, da classificação dos trabalhos do ponto de vista das aptidões = requeridas e escreve dois livros, "Psicologia da atividade industrial" e "Psicologia da vida de negócios", sobre o tema.

Daí para frente dá-se grande ênfase ao estudo das aptidões, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, todavia de forma mais acentuada nesta última.

Provavelmente por seguir a tradição dos primeiros passos dados por Binet, a Orientação Vocacional na Europa focaliza principalmente o estudo das aptidões e o emprego dos testes para medi-las.

A finalidade era orientar o indivíduo para uma profissão, se necessário com medidas coercitivas. O interesse social e coletivo se adiantava ao interesse pessoal, através de uma Orientação tipicamente mecanicista e psicometrista.

A Orientação, chamada aí de Profissional, distinguiu-se da Orientação Escolar, que surgiu mais tarde e que seria mais ampla, no sentido de se dedicar a uma orientação pessoal mais global além de, por vezes, incluir também a primeira.

No Brasil é justamente a influência européia que se faz mais sentir, através dos trabalhos dos precursores da Orientação Profissional: Roberto Mange, Piéron e Mira y Lopez, este último diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, órgão da Fundação Getúlio Vargas.

Os primeiros trabalhos estão ligados ao ensino industrial, comercial e agrícola, e somente mais tarde ao secundário. Numa Comunicação sobre Orientação Pro

fissional no Brasil, feita no IX Congresso Internacional de Psicotécnica de Berna, em 1949, Betti Katzenstein acentua justamente a importância dos "Cursos Vocacionais" do SENAI. (16)

Na década de 40 a influência americana se faz sentir na tentativa de implantação de um serviço de Orientação Educacional que englobaria o Profissional. Assim, o artigo 80 da Lei Orgânica do Ensino Secundário = dispunha o seguinte: "É função da Orientação Educacional mediante as necessárias observações, cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha da profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com sua família". Esta síntese, contudo, não se realiza na prática e os serviços de Orientação Profissional propriamente dita mantêm, de um modo geral, a clássica feição psicometrista, de influência marcadamente européia. Há, todavia, uma preocupação com o estudo da personalidade, procurando-se chegar a uma visão do indivíduo em sua totalidade e não somente em termos de aptidões e interesses. Este estudo de personalidade é geralmente feito através do emprego das técnicas projetivas. (20)

A necessidade desta dupla abordagem é defendida por Seminério (21), que preconiza uma Orientação Profissional fundamentada numa "dupla ordem de fatores": fatores específicos quanto aos aspectos secundários da integração-aptidão e interesses - e fatores básicos quanto aos aspectos primários da integração - traços de personalidade -, e lembra que destes surge uma camada mais profunda de aptidões de cunho emocional, tais como a capacidade de contato, de empatia, de iniciativa, de liderança e de controle. Estas duas dimensões são colocadas por Seminério em termos de linha profissional (mais relacionada às aptidões) e papel profissional (mais ligado aos fatores de personalidade) devendo-se buscar a integração de ambas.

Nos Estados Unidos, a Orientação Vocacional apresenta duas grandes linhas mestras, que às vezes se fundem.

Frank Parsons, o precursor de um trabalho = mais sistemático, cria em 1908 uma oficina para orientar jovens que abandonavam a escola para trabalhar. No ano seguinte escreve "Choosing a Vocation" e se dedica à análise de profissões e ao diagnóstico de aptidões.

Paralelamente, surgem preocupações de ordem pedagógica e, pela primeira vez em 1912, Kelley emprega a expressão "orientação educacional". A Orientação Vocacional passa a se associar aos trabalhos de "guidance", "counseling", e "student personnel work", i.e. à orientação e ao aconselhamento mais gerais.

Alguns autores filiam-se então à corrente que aceita a síntese "educação-orientação" (que não é só Orientação Profissional), outros opõem-se a ela.

O "Occupational Information and Guidance Service of the U.S. Office of Education" estabelece uma definição de orientação, que seria "o processo de fazer o indivíduo descobrir e usar seus dotes naturais, e tomar ciência das fontes de treinamento disponíveis, para que possa viver de modo a tirar o máximo proveito para si próprio e para a sociedade.

Passa-se a uma preocupação com a personalidade total do indivíduo abrangendo uma faixa de problemas mais ampla (escolar, social, emocional) e não só profissional, e surge um movimento chamado de "Counseling Psychology" (1951) que substitui o modelo de Orientação preconizado por Parsons por um trabalho mais global, voltado para o indivíduo total e a unidade de sua personalidade, em interação com o meio. A meta é procurar ajudar o indivíduo a adaptar-se aos vários aspectos da vida. Esta abordagem aproxima-se dos princípios e métodos de psicoterapia e não orienta mais dando conselhos. Seu princí

pal representante é Carl Rogers.

Várias teorias vão se configurando, havendo uma preocupação cada vez maior em encontrar esquemas que expliquem em profundidade o processo da escolha profissional.

Num exame das "atuais diretrizes da Orientação Profissional", em 1966, Ruth Scheefer (20) cita os trabalhos de Anne Roe; Segal, Bordin e Nachmann; e Super. A primeira, autora de "The Psychology of Occupations" e de artigos publicados no Journal of Counseling Psychology, apresenta as necessidades conscientes e inconscientes como principais determinantes da escolha vocacional. Segal publica, também no Journal of Counseling Psychology, uma "Análise psicanalítica dos fatores de personalidade na escolha vocacional à luz das teorias psicanalíticas". Mais tarde, junto com Bordin e Nachmann, elabora uma teoria na qual as profissões são descritas em termos de grau de gratificação e de preenchimento das necessidades psicológicas que oferecem, relacionando-as às várias fases do desenvolvimento da libido. Super, autor de vários livros ligados à Orientação Vocacional, entre eles "The Psychology of Careers, an introduction to vocational development" (1957), fundamenta sua teoria na idéia que o homem busca a auto-realização. Segundo Super o "eu" seria uma parte específica do campo fenomenológico total e é constituído pela consciência ou percepção que a pessoa tem de si própria, i.e. de seu auto-conceito. Com relação ao mundo profissional, o grau de satisfação que o indivíduo obtém na sua atividade profissional é proporcional às possibilidades que se lhe oferecem de realizar o seu auto-conceito.

Em 1959, num artigo publicado no Journal of Counseling Psychology (12), Holland critica as teorias de Ginzberg e de Super por serem demasiadamente gerais em suas conceituações e apresentarem assim um valor negligenciável. Também critica as teorias de Bordin, Hop



pock e Roe que, ao se concentrarem em aspectos mais limitados da escolha vocacional com teorias mais explícitas, tornam-se incompletas. Holland considera que no momento da escolha vocacional o indivíduo é o produto da interação de sua herança particular com uma variedade de forças culturais e pessoais, incluindo indivíduos congêneres, adultos significativos e classe social, a cultura e o meio-ambiente físico. Em consequência desta experiência, a pessoa desenvolve uma hierarquia de métodos habituais ou preferidos para lidar com tarefas do meio ambiente. Estes métodos estão associados a diferentes tipos de meios físicos e sociais assim como a diferentes tipos de habilidades. Assim sendo, a pessoa, ao realizar uma escolha vocacional, em certo sentido "busca" situações que satisfaçam sua hierarquia de orientações de ajustamento. Desta forma, Holland tem o mérito de introduzir a idéia da importância do meio ambiente e da necessidade de se levar em conta as pautas de comportamento que o indivíduo desenvolve para ajustar-se a ele. Portanto, não somente os fatores intra-individuais são importantes, mas também suas interrelações com os fatores sociais. Em função disto, Holland estabelece "classes ocupacionais" de acordo com as características dos meios ocupacionais, aproximando-se esta sua formulação da preocupação atual de se apresentarem "áreas profissionais" em vez de profissões isoladas, quando de uma primeira abordagem na Orientação Vocacional, com a finalidade de fazer com que o adolescente não se enclausure em sua escolha, e sim que, inicialmente, alargue seus horizontes.

Na Orientação Vocacional, enquanto especificamente ligada à Psicometria, o enfoque vai passando de uma acentuação no estudo das aptidões para o estudo dos interesses.

De fato, acreditou-se de início que cada tipo de atividade profissional requeria uma determinada aptidão, ou um determinado conjunto das mesmas. Sob a in

fluência do desenvolvimento da Psicometria, os autores passaram a usar os testes que mediam as aptidões, considerando-as como relativamente estáveis no tempo, e portanto dignas de servirem de base para uma definição profissional.

Aos poucos passou-se a ter menos confiança na estabilidade das aptidões, nas medidas dos testes, assim como na validade deste enfoque para a predição do sucesso profissional.

As atenções se voltaram para o estudo dos interesses, mas as conclusões obtidas foram muito semelhantes ao que se verificara com relação às aptidões.

Já em 1922, na 3a. Conferência Internacional de Psicologia Aplicada à Orientação Profissional, Franziska Baumgarten dizia: "Na investigação moderna da profissão tem-se focalizado apenas, até o presente, as aptidões profissionais, e muito menos um problema que me parece de grande alcance, o das inclinações profissionais... Confunde-se também muito frequentemente as inclinações com o interesse ... o interesse é para nós um caso particular de inclinação". (22) Preocupou-se então em estudar um meio de avaliar os interesses dos adolescentes (Berne, 1954), adotando contudo um método muito subjetivo, = mas que tem o valor de ter sido uma primeira tentativa de se estabelecer uma relação entre interesses e profissões.

Verificou-se todavia, com o progresso nas pesquisas, que os interesses são instáveis e não permitem a formulação de um prognóstico em Orientação Vocacional.\*

Super (22, cap. 2 e 7) salienta a dificuldade criada pela multiplicidade dos fatores determinantes dos interesses e por sua instabilidade. Uma certa estabilidade e confiabilidade nos mesmos, que viria a ser de

\* ver Fryer (1931) e Charlotte Bühler (1938), citados por Super (22, cap. 1).

utilidade na Orientação Vocacional, só seria atingida depois dos 21 a 25 anos.

Segundo este autor nos encontramos atualmente em relação aos interesses "no ponto em que nos encontramos com relação à inteligência em 1930, quando a inteligência era, em verdade, o que mediam os testes de Binet e o teste Alpha do Exército Americano". Mas acrescenta que há uma diferença pois "temos em nosso poder trinta anos de conhecimentos e de experiência estatística". E isto talvez nos leve algum dia a poder ter uma maior segurança com relação à medida não só dos interesses, mas também das aptidões?

Enquanto esta pergunta permanece sem resposta me parece oportuno lembrar o que Meili (22, pag. 14) escreve em "Psicologia da Orientação Profissional" (1948), sobre as duas tendências então existentes: a de levar em consideração principalmente as aptidões e a de dar maior importância aos interesses. Diz ele em relação a estes últimos:

"... conhecer os interesses de uma pessoa não é tão fácil como se crê comumente... seria um erro crer que os diversos interesses e desejos que se tenha podido comprovar num indivíduo, numa época determinada de sua vida, ou no curso de sua evolução, poderiam sempre ser reduzidos a um simples denominador comum... O problema torna-se, pois, muito complexo enquanto nos empenhamos na investigação da "verdadeira" tendência. A nosso ver, em muitos casos, é impossível ver claro enquanto nos limitarmos a levar em consideração as inclinações manifestadas, i.e. os desejos, os interesses, as atividades, etc... É também muito importante buscar suas origens... De certa forma, as inclinações são mente são necessidades no mais amplo sentido da palavra. Dependem do conjunto da estrutura psicofísica do indivíduo."

Esta observação de Neili abre o caminho para um enfoque amplo na Orientação Vocacional: deixar de lado as aptidões e os interesses, pensar num estudo mais

global e profundo, focalizando o "conjunto da estrutura psicofísica do indivíduo".

Este tipo de abordagem é o que tentarei a seguir: partindo de uma apresentação do adolescente, tanto de seus aspectos físicos como psicológicos, chegar a estabelecer um enfoque da Orientação Vocacional na qualidade de processo dinâmico, centrado no adolescente enquanto indivíduo em crise, e nas suas necessidades decorrentes desta crise, assim como enquanto indivíduo em interrelação com o meio social, focalizando neste sentido, especialmente, as figuras parentais, seu significado no mundo do adolescente e seu papel na Orientação Vocacional.

Não se trata de uma formulação final, e sim, como já foi assinalado anteriormente, de um esboço de atitude diante da Orientação Vocacional. De fato, parece-me importante fazer notar que a Orientação Vocacional se constitui num processo diante do adolescente, assim como num método em evolução dentro de seu contexto histórico particular. Espero que os pontos referenciais apresentados no final deste trabalho conheçam um maior desenvolvimento no futuro através de outros estudos e pesquisas.

## A ADOLESCÊNCIA, FASE DE MUDANÇAS\*

### MUDANÇAS FÍSICAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS DIRETAS

Durante a adolescência o indivíduo sofre uma série de mudanças num ritmo geralmente vertiginoso: ocorrem não somente fenômenos físicos, como também mudanças de comportamento, de personalidade, emocionais e sociais.

A adolescência corresponde assim a uma etapa do desenvolvimento, que se inicia com as mudanças fisiológicas da puberdade e termina com a estabilização adulta final das glândulas de reprodução e correlatas, não havendo uma delimitação específica em termos de idade cronológica pois as variações individuais são amplas.

Encontramos todavia, em Arminda Aberastury (2, pág. 158) uma definição que estabelece uma faixa etária que vai dos 13 aos 23 anos. Lembra a autora que, literalmente, o termo adolescência deriva do latim (ad = a, em direção a; olescere do verbo oler = crescer) significando a condição ou o processo de crescimento. E acrescenta que "o termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, em geral, entre os 13 e os 23 anos no homem, podendo estender-se até os 27 anos".

Paralelamente às mudanças físicas ocorrem mudanças psicológicas, que acompanham o ritmo daquelas e que levam o adolescente à sua tarefa mais importante: a de descobrir a própria identidade.

O início desta fase pode ser denominado, portanto, de "pubescência", e caracterizado pelas transformações corporais, que são associadas ao amadurecimento sexual do indivíduo.

---

\* Bibliografia: (1); (2); (3); (4); (14); (19).

A pubescência pode ser considerada como um fenômeno filogenético e como a pré-condição para a iniciação da transição adolescente, vindo a ser, quase que invariavelmente seu fator precipitador.

A partir do momento que as mudanças físicas associadas à pubescência apresentam repercussões nas emoções, nos drives, no comportamento ou na organização da personalidade do indivíduo pubescente, resultam consequências psico-biológicas e todo o complexo de mudanças passa a ser denominado de "adolescência".

Podemos falar em consequências psico-biológicas na medida em que os efeitos gerais sobre o comportamento são universais em sua distribuição e transcendem diferenças culturais específicas em sua forma e conteúdo.

Alguns destes efeitos incluem: sentimentos = de confusão com relação ao caráter estranho e súbito das mudanças físicas; necessidade, pela primeira vez desde a infância, de socializar novos drives e emoções de origem orgânica; aparecimento gradual de uma regulação dirigida a partir do relativamente difuso ao mais altamente específico.

Estendendo um pouco mais o tema, podemos fazer outra observação interessante com respeito aos aspectos filogenéticos da pubescência e sua relação com influências recebidas do meio ambiente.

Notamos neste sentido a existência de aspectos filogenéticos no desenvolvimento, tais como a sequência dos fenômenos, que permanecem inatingidos pela influência do meio ambiente, enquanto que os aspectos não-filogenéticos, tais como a cronologia em que os fenômenos se apresentam, mostram-se suscetíveis a variações de acordo com as condições diversas do meio ambiente (tais como clima e nutrição).

Haverá portanto uma constância geneticamente determinada no primeiro caso, e uma variabilidade no segundo.

Com isto, algumas das considerações expostas abaixo poderão ser vistas como universalmente válidas, independentemente de influências ambientais físicas e culturais.

Seguiremos o esquema utilizado por Ausubel (3) para a apresentação das mudanças físicas que ocorrem na puberdade, e que, segundo este autor, podem ser agrupadas em três níveis.

No 1º nível, iniciando todas as mudanças subsequentes, está a ativação (ou a atividade aumentada) dos hormônios gonadotrófico e corticotrófico da glândula pituitária anterior. O hormônio gonadotrófico começa a ser funcionalmente ativo pela primeira vez na pubescência, enquanto que o hormônio corticotrófico, provavelmente secretado em quantidades mínimas durante a infância, passa a ter sua produção aumentada na pubescência. Neste mesmo nível, continua funcionando e estimulando o crescimento do esqueleto durante a pubescência o hormônio de crescimento da glândula pituitária anterior, que regula a razão do crescimento através de toda a existência pós-natal do indivíduo.

No 2º nível encontramos as consequências imediatas da secreção destes dois hormônios:

a) a produção de óvulos e espermatozoides maduros e a secreção de hormônios gonádicos como resultado da estimulação gonadotrófica;

b) o aumento da secreção dos hormônios adrenérgicos da córtex enquanto resultado da estimulação corticotrófica.

Estes dois últimos hormônios são responsáveis pelo grupo de mudanças do nível seguinte.

No 3º nível verificamos o aparecimento de:

a) o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários: aumento do pênis, dos testículos, do útero;

b) o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários: desenvolvimento dos seios, mudanças de voz, crescimento do pelo pubiano;

c) mudanças em outras funções fisiológicas, não sexuais, tais como as funções cardiovascular e respiratória;

d) mudanças no tamanho, peso, proporções corporais, e mudanças correlacionadas em força, coordenação e destreza.

No quadro seguinte (pág. 22) encontra-se o esquema apresentado por Ausubel (3, pág. 77) sobre os tipos de mudanças físicas que ocorrem durante a pubescência, e suas interrelações, e que está aqui reproduzido em função de seu caráter esclarecedor.

### Sexualidade

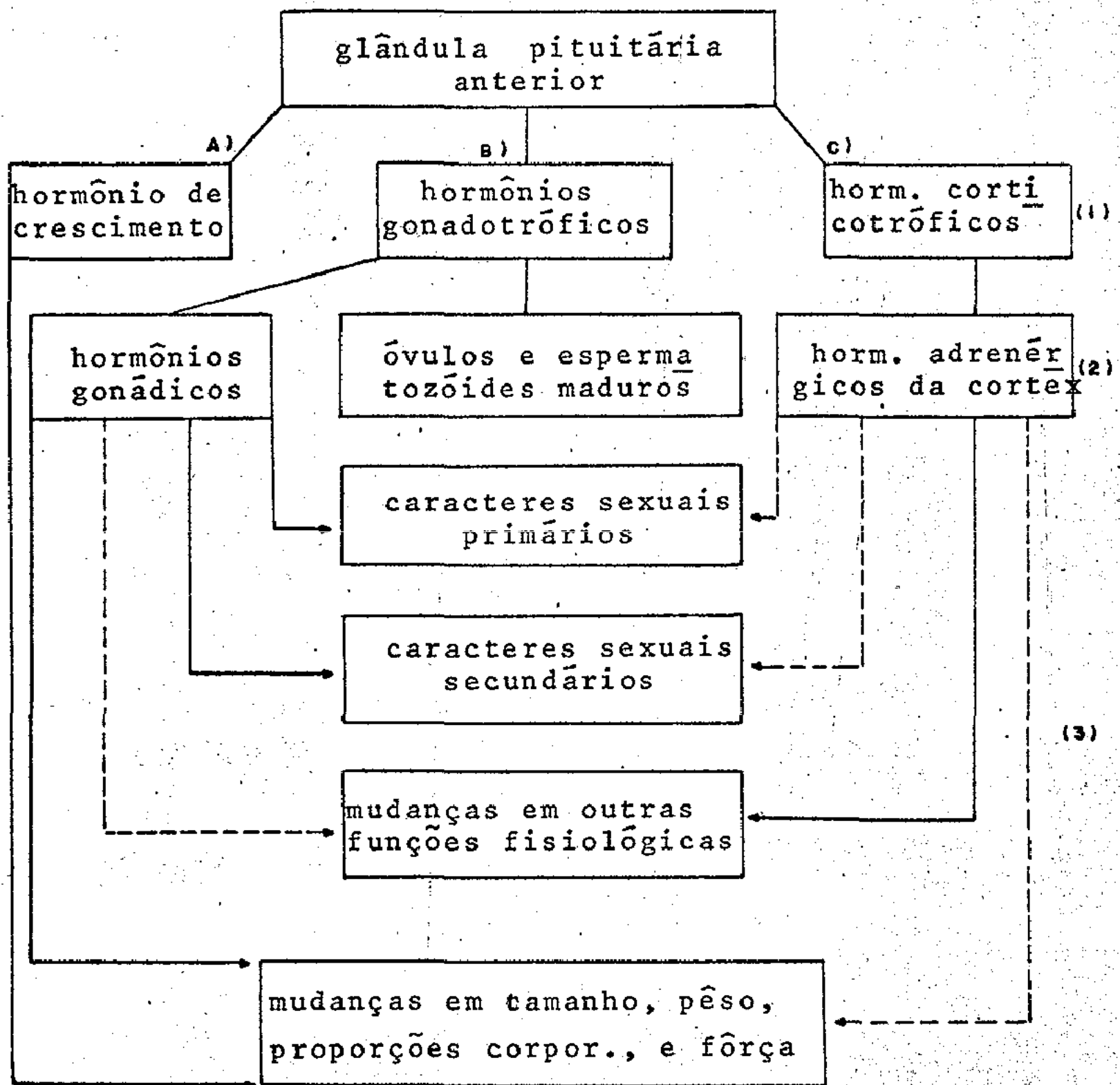
O aumento da produção de hormônios sexuais e suas conseqüências fisiológicas intensificam os sentimentos de ordem sexual, dando origem a transformações decisivas na esfera psico-sexual, que levam ao estabelecimento da identidade sexual final do indivíduo.

Portanto, um dos aspectos mais importantes desta fase é o luto ("duelo") pela bissexualidade infantil de que falam os autores analíticos, que leva à identidade sexual adulta, à busca do par e à criatividade.

É quando o adolescente deve renunciar às fantasias de procriação dentro de seu próprio corpo e a adolescente à onipotência maternal, partindo ambos para a busca do parceiro.

Este luto se realiza com dificuldade e, na realidade, ao longo de toda a vida. Traduz-se em confusões, transtornos e sofrimentos relativos ao assumir a paternidade ou a maternidade. Sua elaboração tem como conseqüência algo até o momento inédito no indivíduo: sua definição na procriação e a eclosão paralela de uma grande capa





OBS.: a linha contínua a partir dos hormônios gonádicos e adrenêrgicos indica que a glândula está desempenhando uma função principal com relação ao conjunto de mudanças mostrado; a linha pontuada indica que, em comparação com a outra glândula, esta tem somente um papel secundário.

cidade criativa.

Verifica-se também que há uma diferença qualitativa entre o comportamento pré-puberal e o pós-puberal.

Entre os dois dá-se uma ruptura e não uma continuidade: o comportamento sexual, inicialmente parte das brincadeiras da criança, torna-se, depois da pubescência, um fim em si mesmo, frequente e regular.

Pela primeira vez desde a primeira infância surge um impulso novo, forte e determinado organicamente, necessitando de regulação, direção e socialização.

A expressão sexual toma assim um caráter de urgência premente acompanhada de uma rica gama de novas tonalidades de sensações.

Toda esta agitação dos instintos sexuais provoca sentimentos de estranheza e inquietação relacionados às novas necessidades de controle e direção dos impulsos sexuais.

As diversas formas de expressão tomadas pelos impulsos variam de acordo com as sociedades, e o adolescente experimenta sentimentos de vergonha ou prazer, culpa ou alegria, em função dos condicionamentos familiar e cultural.

A incorporação de um papel sexual adequado pode ser facilitada por diversos fatores durante a infância e a adolescência, tais como: um modelo de relações conjugais bem sucedidas provido pelos pais; uma forte identificação positiva com a figura paterna do mesmo sexo; uma experiência inicial favorável com pessoas do sexo oposto.

É indiscutível que os pais constituem as figuras mais importantes na vida da criança até a adolescência, quando surge o conflito - dependência vs. independência -: o adolescente quer ter sua própria vida, mas ao mesmo tempo necessita saber que tem um porto seguro disponível a qualquer momento. Este porto seguro continua sen

do personificado nos pais, às vezes em figuras substitutas.

Foi nos pais que se concentraram as primeiras manifestações das emoções, e é também para os pais que se voltam algumas expressões dos impulsos sexuais do adolescente.

Para os autores que aceitam a teoria do conflito edipiano, há um ressurgimento do mesmo durante a adolescência, enquanto que para os que rejeitam esta teoria a observação de que os pais são as figuras centrais da vida do indivíduo até o início da adolescência pode ser a justificativa para o conflito que se cria: o amor pela figura parental do mesmo sexo implica em fantasias homossexuais, fato assustador e rejeitado em nossa sociedade, enquanto que o amor pela figura parental do sexo oposto leva a fantasias incestuosas, igualmente assustadoras e rejeitadas.

Além disso, a necessidade de independência com relação aos pais, que significa para o adolescente atingir a idade adulta, faz com que as novas expressões, derivadas dos impulsos sexuais, se voltem para o meio extra-familiar.

Contudo, a aceitação deste comportamento por parte dos pais é importante. Permite ao adolescente enganjar-se num relacionamento heterossexual satisfatório, através de um desligamento menos conflitivo, possibilitando também a integração das expressões de amor e sexo num só objeto.

#### Desenvolvimento motor

Dos 13 aos 16 anos o indivíduo está na plenitude do desenvolvimento da motricidade e experimenta uma grande dificuldade na coordenação motora, devido também ao crescimento osteo-muscular dispar. Estas transformações obrigam o adolescente a uma constante reformulação

de padrões na atividade física.

Durante a adolescência o crescimento em tamanho e capacidade física e o aumento da força não ocorrem segundo uma linha contínua e harmoniosa e sim aos saltos.

Em decorrência das mudanças bruscas e da necessidade de adquirir novos padrões de coordenação consoantes a estas mudanças, surgem as dificuldades no ajustamento da coordenação motora às novas dimensões corporais. Além disso, o ritmo de crescimento também influi, sendo tal que não permite um ajustamento paralelo da coordenação motora, que, com isto, parece estar sempre em atraso.

O adolescente é visto então como um indivíduo desajeitado e desengonçado, características que na realidade traduzem seus próprios sentimentos de estranheza diante das novas proporções corporais que está adquirindo, e que vai experimentar até atingir a etapa conclusiva de seu desenvolvimento e a estabilização final.

### Esquema corporal

As conseqüências decorrentes do desenvolvimento em geral do adolescente vão se refletir diretamente na formação do esquema corporal, componente básico da identidade pessoal do indivíduo.

O esquema corporal é a representação mental que o indivíduo tem do próprio corpo em função de suas experiências evolutivas relativas ao desenvolvimento corporal e às interrelações com o meio. Vai se formando a partir dos mecanismos de dissociação, projeção e introjeção desde a primeira infância, que permitem o conhecimento do mundo interno e do mundo externo.

O crescimento lento de toda a pré-adolescência permite um ajustamento gradual do esquema corporal que vai se modificando imperceptivelmente, enquanto que as mudanças bruscas e rápidas da adolescência tornam insuficientes os ajustamentos menores.

Em função das características destas transformações, o adolescente deve passar por uma reestruturação total e consciente do esquema corporal que também adquire maior importância pela atenção que o jovem dedica a seu próprio corpo. Este se torna um símbolo de uma nova atitude de com relação à própria pessoa, aos outros e à vida: estão aí os "cabeludos" e a "moda jovem" como conseqüências diretas do fato.

As reações sociais às mudanças corporais do adolescente e às conseqüências das mudanças no esquema corporal também tem sua importância: estão interrelacionadas. De fato, o esquema corporal do adolescente vai se modificando e se integrando também em função das concepções que as pessoas têm a seu respeito, e também contribuindo desta forma à formação de sua identidade final.

#### MUDANÇAS COGNITIVAS E AFETIVAS

As substâncias endócrinas e as mudanças na dosagem hormonal contribuem para as mudanças na área afetiva podendo diminuir o limiar geral de reação do comportamento e alterar (de forma inespecífica) a intensidade e a tonalidade das respostas emocionais. Através deste efeito solicitador ocorrem mudanças gerais na expressão emocional, em sua extensão, profundidade, especificidade, direção, consistência e estabilidade.

O adolescente passa assim a responder com grande intensidade a estímulos que anteriormente pouco o atingiam e se mostra extremamente sensível às reações dos outros. Sob uma máscara de indiferença, reprimindo suas emoções, negando suas necessidades e seus desejos, esconde seu anelo de ser aceito e de sentir que os outros realmente se preocupam por ele.

Resiste desta forma à intensidade de suas emoções, à insegurança em sua identidade, e tudo isto que considera uma fraqueza da qual necessita proteger-se.

Arminda Aberastury (2, cap. 1 e ~~1~~ 1, cap. 5) fala em três tipos de lutos ("duelos") fundamentais que devem ser elaborados na adolescência. Os dois primeiros = nos interessam diretamente no momento, em função das ca racterísticas que os acompanham: o luto pelo corpo infan til e o luto pelo papel e pela identidade infantis.

O luto pelo corpo infantil leva aos fenômenos de intelectualização e acting-out físico.

Por causa das mudanças físicas, rápidas, bruscas e incontroláveis, o adolescente se sente impotente di ante de uma realidade concreta. Na tentativa de se defen der destas mudanças corporais e internas incontroláveis e de elaborar a perda do corpo infantil, desloca as manifes tações de revolta para as esferas do pensamento e passa a um manejo onipotente das idéias.

Esta intelectualização onipotente, tentativa de superar sua incapacidade de ação, - o adolescente não pode comprometer-se como pessoa física, pois aí se sente impotente e inseguro -, traduz-se em símbolos, idéias, de sejos de reformas políticas, sociais e religiosas.

O adolescente então atua como puro ser pensan te e questiona os valores éticos, intelectuais, e afeti vos.

Isto é possível também pelas características da fase do desenvolvimento intelectual em que o adolescen te se encontra.

Diz-nos Piaget (19) que depois dos 11-12 anos o pensamento formal se desenvolve: as operações lógicas = são transpostas do plano da manipulação concreta para o das idéias.

As operações da inteligência infantil se refe riam à própria realidade e em particular aos objetos tan gíveis, suscetíveis de serem manipulados e submetidos a experiências efetivas.

O adolescente não quer mais manipular a reali

dade concreta seu pensamento é formal, ou hipotético - de  
dutivo, i.e. capaz de deduzir conclusões de puras hipótese  
ses.

O pensamento concreto é a representação de  
 uma ação possível; o pensamento formal é a representação  
 de uma representação de ações possíveis: aplica-se a hipóte  
ses e proposições, e traduz-se na livre atividade da re  
flexão espontânea.

O adolescente constrói sistemas e teorias: é  
 a idade metafísica por excelência e o adolescente é o fi  
lósofo, o grande contestatário, o reformador da sociedade.

Às vezes se liga a grupos e participa anonima  
mente de movimentos enquanto integrante da massa, pois ne  
cessita do apoio e do reforço que adquire através da iden  
tificação com o ego dos outros.

De início procede como se o mundo devesse sub  
meter-se aos sistemas e não estes à realidade, reflexo do  
 seu egocentrismo intelectual, para depois passar a uma  
 reconciliação gradativa entre o pensamento formal e a rea  
lidade.

O equilíbrio final é atingido quando a refle  
xão compreende que sua função não é contradizer, mas se  
 adiantar e interpretar a experiência, i.e. quando o ado  
lescente compreende o papel específico de sua vida mental.

Quando a maturidade biológica estiver acompa  
nhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que permi  
te a entrada no mundo adulto, o adolescente estará equipa  
do com um sistema de valores, uma ideologia que confronta  
 com a de seu meio e onde o rechaço a determinadas situa  
ções se cumpre numa crítica construtiva: o adolescente =  
 passa a contestar com ação, para construir.

O luto pelo papel e pela identidade infantis,  
 o segundo de que fala Arminda Aberastury, leva a um manejo  
psicopático do afeto e do amor.

Há uma confusão de papéis que impede ao adolescente de manter a dependência infantil e de assumir a independência adulta, o que o leva a utilizar um mecanismo esquizoide mediante o qual divide seu meio em família, onde coloca as obrigações e as responsabilidades, e grupo de colegas, onde coloca seus direitos e reivindicações.

Isto o leva a violentas confrontações com a realidade e a uma contínua verificação e experimentação com os objetos no mundo real e no fantasiado.

Às vezes estes dois mundos se confundem e o adolescente passa a despersonalizar as pessoas e tratá-las como objetos necessários para satisfações imediatas.

Este desprezo ou desrespeito com relação a seres e coisas do mundo externo real faz com que muitas das relações objetais do adolescente sejam muito intensas, mas ao mesmo tempo frágeis.

Estabelece facilmente fortes amizades ou uma adoração por um herói, mas é capaz de abandonar estes relacionamentos intensos, com a mesma facilidade <sup>com</sup> que os estabeleceu.

De fato o adolescente usa amplamente do mecanismo de idealização e mostra, portanto, uma pobre capacidade discriminativa ao avaliar as pessoas: a que ele mais admira é a que pode mais feri-lo e decepcioná-lo e, com isto, cair rapidamente do pedestal onde a colocara.

Explica-se assim a instabilidade emocional do adolescente, que oscila do polo das crises passionais arrebatadoras, e arrasadoras, à mais absoluta indiferença.

Todos estes mecanismos tem uma importante utilidade pois é através deste manejo dos objetos que o adolescente passa por uma série de transformações que o levam ao estabelecimento de sua identidade adulta.

#### MUDANÇAS NO RELACIONAMENTO SÓCIO-FAMILIAR

O terceiro tipo de luto de que fala Arminda



Aberastury que o adolescente deve elaborar é o luto pelos pais de infância, que apresenta estreitas relações com os conflitos entre a juventude e a sociedade.

O relacionamento do adolescente no meio familiar se caracteriza por uma flutuação constante entre a necessidade de dependência, às vezes mais forte que na infância, e as reivindicações em favor de uma crescente independência.

Os pais precisam adaptar-se a esta flutuação constante para facilitar o trabalho de luto dos filhos.

Com a maturidade, o indivíduo conseguirá ser independente dentro de uma certa dependência necessária, e passar a conviver com as ambivalências tais como a existência de sentimentos de amor junto com um certo grau de crítica, para consigo mesmo e os outros, e aí sobretudo = os pais. Por sua vez, estes devem elaborar a perda da relação de submissão infantil dos filhos.

Estamos, assim diante da interação de um duplo luto, o que dificulta a tarefa do adolescente. É uma situação paradoxal, cheia de contradições: ao mesmo tempo que o adolescente busca sua independência espera continuar tendo pais protetores e controladores. Idealiza a relação com eles e espera deles uma satisfação contínua e total de suas necessidades.

O adolescente fica perplexo diante deste conflito, o que contribui a diminuir e às vezes até a interromper a comunicação com seus pais, podendo chegar a se isolar numa conduta autista, que na realidade está lhe possibilitando meditar sobre toda a situação e elaborá-la.

Os pais por sua vez também não entendem o que está se passando, não conseguem acompanhar todas as oscilações de seus filhos, e se sentem igualmente inseguros.

Um dos aspectos do conflito que se coloca no relacionamento de pais e filhos é a revivência do confli

to edipiano. Revivência por parte dos filhos, e revivência por parte dos pais com relação às próprias experiências edípicas. O pai vai encontrar na filha a reencarnação da moça com quem se casou, e o fenômeno correspondente se dará com a mãe.

A solução do conflito agora dependerá para os pais da elaboração atingida com relação às próprias experiências, e isto irá influenciar no comportamento dos filhos. Uma boa resolução para este possibilita a busca adequada de objetos de amor no mundo extra-familiar e um desligamento menos conflituoso com relação às figuras parentais.

Todas estas transformações no relacionamento familiar levam o jovem à necessidade de proteger-se da dor e da angústia diante da perda dos primeiros objetos de amor, os pais, e o adolescente passa a adotar uma atitude de desprezo com relação aos mesmos: para defender-se tem que desvalorizá-los mas aí o medo diante da perda do conhecido e a angústia diante do desconhecido, que aqui para o adolescente significa ficar sozinho e perdido no mundo, obrigam-no a buscar figuras substitutas, idealizadas, em professores, na religião ou no ateísmo, ídolos diversos ou num diário, fechando-se em si mesmo e estabelecendo um vínculo estreito, na fantasia, com os objetos internos, o que no final enriquecerá o seu ego. Realiza desta forma todo um processo de aprendizagem, experimenta lidar com os vínculos objetais na fantasia para que seja mais fácil lidar depois com os objetos reais do mundo externo.

Os pais se deparam com o mesmo luto, ao contrário: é o luto pelo filho que está crescendo. Isto lhes lembra que também estão envelhecendo, e os obriga a enfrentar a idéia da morte, sobretudo da morte das próprias ambições e expectativas de vida.

De fato, diante das realizações, dos planos,

dos sucessos dos filhos, os pais passam a defrontar-se com seus próprios sucessos e fracassos, tarefa esta dificultada pelas críticas que os filhos, juizes implacáveis lhes dirigem, obrigando-os a abandonar a própria imagem idealizada.

Na tentativa de defender-se, os pais procuram impedir o crescimento dos filhos, controlando seus horários, e isto é sentido pelo adolescente como um controle sobre seu mundo interno, seu crescimento e seu desprendimento.

Com relação a este desprendimento que caracteriza as transformações que ocorrem no relacionamento familiar, considera-se que o adolescente tem três exigências básicas de liberdade: a liberdade nas saídas e nos horários, a liberdade de defender uma ideologia e a liberdade de viver um amor e um trabalho.

Ao preocupar-se principalmente com a primeira, os pais acabam boicotando as outras duas. Sua atitude vem a ser a de exigir informações e explicações e, em função do choque de opiniões entre as duas gerações, passa a ser a de dar conselhos, e quando isto também não funciona, recorrem à força: "cortam" a mesada e as saídas. Não conseguem ouvir simplesmente, o que seria o melhor caminho para entender o que está ocorrendo com os próprios filhos, com os quais na realidade têm muito que aprender. O diálogo contudo deveria ter sido estabelecido desde cedo, desde a primeira infância, pois no momento da adolescência a situação está por demais conflituada para permitir que se instale agora uma atitude de compreensão e aceitação mútuas. A adolescência é uma fase de exacerbação, se assim podemos dizer, de tudo o que já era latente há muito tempo: se já não havia diálogo, ele dificilmente existirá agora.

O choque entre os pais e os filhos reflete um conflito mais amplo: o da sociedade com a geração adolescente, conflito este que está em estreita interrelação

com as mudanças sociais.

Assim como o adolescente, a sociedade também recorre a um mecanismo esquizóide fazendo com que uma de suas próprias partes em conflito, a juventude, adquira as características de todo o ruim, e permita assim a agressão do mundo adulto. Este sente-se profundamente ameaçado pelas transformações, muito rápidas e intensas na era atual, e que obrigam a constantes reestruturações e reajustamentos. Como a bandeira das reformas é carregada ostensivamente pela juventude, esta acaba tendo que pagar o preço das reivindicações e da turbulência provocada no meio social.

De fato, em resposta à atitude contestatária dos jovens a sociedade, que em última instância estabelece as pautas sociais de conduta, mostra-se inexorável frente ao crescimento do adolescente e o recebe de modo hostil com críticas e tentativas de controle. As diversas formas de coação restringem a liberdade de ação do adolescente que se vê forçado a refugiar-se na intelectualização buscando uma solução teórica para os problemas.

Como os pais, a sociedade acaba rejeitando e marginalizando o adolescente em vez de tentar criar condições sociais mais favoráveis a um desenvolvimento saudável para o indivíduo e, no fundo também para a comunidade total. Em vez disso o adolescente em busca de ideais e de figuras idealizadas para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e passa a utilizá-las também. A violência dos estudantes é assim a resposta à repressão e à violência institucionalizada.

Portanto, o papel da sociedade nos conflitos que caracterizam a adolescência é básico: a entrada no mundo social adulto, com suas modificações internas e seu plano de reformas, vai definir para o adolescente sua personalidade e sua ideologia. Daí concluímos que nem todos os fatores que influenciam o adolescente em seu desenvolvimento são de ordem bio-psicológica e o estudo dos aspe

tos s̄ocio-culturais da sociedade em que os jovens vivem  
ē de importāncia primordial para o entendimento e o aten  
dimento dos mesmos.

o0o

## A CRISE DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA

### A ADOLESCÊNCIA NORMAL E O ADOLESCENTE NO LIMIAR DA PATOLOGIA.

M. Knobel define a adolescência como "a etapa da vida durante a qual o indivíduo tenta estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objetivas-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso de elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem em direção à estabilidade da personalidade num plano genital, e que somente é possível se se faz o luto pela identidade infantil". (2, pág. 39-40)

Portanto, no estudo da adolescência devem ser levadas em consideração as influências devidas aos fatores sócio-culturais tanto quanto aos fatores psico-biológicos.

Como vimos no capítulo anterior, a base psico-biológica conferirá ao adolescente características universais, mas suas formas de expressão irão variar de acordo com o meio sócio-cultural, e neste sentido, em cada sociedade, o estudo do adolescente deve ser abordado de forma especial, pois o marco de referência do conceito de normalidade com base no adulto não é adequado a esta fase que se caracteriza por grandes transformações de toda ordem e por uma constante instabilidade, que justificam um certo grau de conduta patológica no adolescente.

Por isso fala-se tanto em crise quando se fala no adolescente. Erikson fala em "crise normativa" (10), Knobel em "crise de ambiguidade" (1, cap. 2), Lea Paz em "crise de desimbiotização" (1, cap. 8), E. Rolla em "crise de desidealização" (1, cap. 3), Grinberg em "crises confusionais" (11).

As adjectivações dadas pelos diversos autores

ã crise da adolescência são portanto inúmeras.

Hã contudo um ponto em que parece existir uma concordância geral: o fato do conflito fundamental desta idade ser devido à busca da identidade adulta. Daí falar mos em "crise de identidade do adolescente".

Como vimos no capítulo anterior, a adolescência é uma fase do desenvolvimento que se caracteriza por mudanças numerosas, bruscas e profundas, que configuram um quadro de desequilíbrio e instabilidade constantes. É um período confuso e doloroso, de contradições e ambivalências. Tudo isto provoca um alto grau de ansiedades no adolescente que vive em choque tanto com seu mundo interno como com o mundo externo.

O quadro resultante pode ser facilmente confundido com crises e estados patológicos.

Em função disto, e na tentativa de sistematizar a sintomatologia que caracteriza a conduta do adolescente, Knobel apresenta o "síndrome da adolescência normal"\* (1, cap. V; 2, cap. 2), que é produto da própria situação evolutiva e surge da interação do indivíduo com seu meio.

Knobel fala em "semipatologia" ou "patologia normal" para assinalar a conduta defensiva que o indivíduo passa a adotar em função de sua estrutura e experiências e segundo as circunstâncias.

Esta conduta defensiva é, digamos, exacerbada, como tudo na adolescência, e por isso adquire a aparência de patológica. Ela poderá ser de tipo psicopático, fóbico ou contrafóbico, maníaco ou esquizoparanóide, de acordo com cada indivíduo e com cada momento.

A maior ou menor anormalidade deste síndrome

---

\* Seu primeiro item é justamente referente à busca da identidade e de um si-mesmo claramente definidos. Os outros, de um modo geral, já foram abordados no capítulo anterior.

depende, ainda segundo Knobel, em grande parte dos processos de identificação e de luto ("duelo") que o adolescente tenha podido realizar: na medida em que tenha conseguido elaborar os lutos, o adolescente verá seu mundo interno mais, ou menos, fortificado e atingirá um estado menos conflituoso.

O tempo, portanto, vem a ser um importante fator de "cura" para o adolescente.

Este é justamente um dos pontos em que toca Masterson (18) quando fala do dilema psiquiátrico do adolescente. Uma das dificuldades é de se determinar se o quadro apresentado se constitui numa doença ou se é devido à crise da adolescência e portanto passageiro, vindo a desaparecer com o crescimento.

Assinala que em função disso criou-se uma categoria diagnóstica de "resposta de adaptação da adolescência", que apresenta três requisitos essenciais: o quadro clínico de uma enfermidade psiquiátrica; sintomas relacionados com o processo de crescimento do adolescente (ao que se pode objetar que este processo não é bem conhecido e portanto como saber se os sintomas estão relacionados a ele ou não?); a sintomatologia deve ser transitória (mas como ter certeza disto quando o paciente está em pleno síndrome psiquiátrico?).

Segundo Masterson os estudos sobre a adolescência enquanto crise e sobre sua relação com a psicopatologia são recentes e não satisfazem às necessidades daqueles que se dedicam ao trabalho com adolescentes. Haveria discrepâncias entre teorias vigentes e observações, decorrentes de generalizações indevidas a partir de um problema clínico específico de determinado paciente, sem que o autor assinalasse claramente o que estava fazendo.

Os métodos de estudo também seriam inadequados. De um lado encontram-se os trabalhos de psiquiatras sobre pacientes hospitalizados, com numerosas descrições clínicas e acompanhamento, mas que não levam em considera



ção de forma adequada os conflitos próprios da adolescência. Do outro lado encontram-se os trabalhos de psicanalistas, com estudos sobre a dinâmica e os mecanismos de defesa da crise da adolescência, mas com um número pequeno de pacientes e sem acompanhamento.

Com o objetivo de trazer algum esclarecimento a este dilema, Masterson realiza um estudo sobre os efeitos da crise da adolescência nos quadros clínicos de adolescentes que padecem de enfermidades psiquiátricas e em adolescentes normais.

As dificuldades encontradas foram consideráveis, devidas principalmente às flutuações constantes que fazem com que os síndromes psiquiátricos sejam vagos, e pouco estáveis, passando os pacientes de uma categoria diagnóstica para outra. Considera-se também que estes síndromes seriam comuns e passageiros na maioria dos adolescentes.

Com isto, muitas vezes, somente o acompanhamento do paciente permite determinar se um quadro sintomático é psicopatológico ou simplesmente devido a uma intensificação das dificuldades da própria idade.

A diversidade de transtornos clínicos num só quadro e a definição pouco clara das categorias diagnósticas dificultaram a determinação exata do diagnóstico da enfermidade psiquiátrica, muito mais do que o diagnóstico diferencial entre paciente psiquiátrico e adolescente normal.

Verificou-se que há diferenças consideráveis entre os adolescentes psiquiatricamente enfermos e os relativamente sadios com relação à sintomatologia, ao funcionamento e nas relações familiares. Estas diferenças mostram que há uma tendência a uma definição por parte do adolescente normal em direção a um progresso normal. Quanto ao paciente psiquiátrico a crise da adolescência funcionaria, na instalação de uma enfermidade psiquiátrica, como fator exacerbador de uma patologia preexistente.

Portanto, há crise de adolescência, há uma aparente confusão entre adolescente normal e paciente psiquiátrico em função da dificuldade diagnóstica, mas há possibilidade de discriminação entre o que viria a se enquadrar no síndrome normal de Knobel e um quadro psicopatológico.

Masterson (18, cap. 15) nos diz que os sintomas são comuns aos grupos de controle e de pacientes, mas que uma análise cuidadosa revela que no grupo de controle os sintomas tenderam a consistir em ansiedade e depressão, enquanto que nos pacientes psiquiátricos observam-se quadros mais graves de esquizofrenia e da alteração da personalidade.

Os efeitos da crise da adolescência se colocariam então num continuum tendo num dos extremos os adolescentes sadios, no centro os que padecem de uma neurose de caráter, e no outro extremo os que sofrem de esquizofrenia e alteração da personalidade.

#### A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL

Como assinala Erikson (10, pág. 14) o termo "crise" designa hoje em dia "um momento carencial, um ponto crítico necessário, no qual o desenvolvimento deve tomar uma outra direção, acumulando recursos de crescimento, recuperação e diferenciação ulterior".

Não está mais ligado a uma idéia de ameaça ou catástrofe e sim à idéia de "um momento decisivo, um período crucial de vulnerabilidade incrementada e potencial". (10, pág. 79)

Implica na resolução de uma situação antiga e acentua o ingresso numa situação nova que coloca seus próprios problemas. A vulnerabilidade está aí, diante do desconhecido, quando o desfecho pode ser algo benéfico ou algo pernicioso.

E portanto uma fase perigosa onde não se ob

serva um ritmo progressivo gradual e sim onde quase tudo é o oposto do permanente e o estável.

Há uma ruptura entre um passado que não é mais vigente e um futuro que todavia não está constituído.

Há vários momentos de crise no desenvolvimento de uma pessoa, mas podemos dizer que a adolescência é uma idade de crise por excelência. É a fase maturacional mais complexa do desenvolvimento, durante a qual o indivíduo revive, simultaneamente, todos os estágios do desenvolvimento infantil, cujos ajustamentos não são mais adequados, ao mesmo tempo que tenta inúmeras novas soluções para seus conflitos, buscando chegar à maturidade.

É um período de desestruturação e reestruturação do mundo interno e das relações com o mundo externo, sendo que, em função disso, o quadro que se apresenta ao profissional que lida com o adolescente é muitas vezes caótico, facilmente confundido com um quadro patológico, como vimos acima.

Erikson caracteriza a adolescência como constituindo um período de "crise de identidade normativa", i.e. como sendo uma fase normal apresentando uma maior quantidade de conflitos, caracterizado por uma situação aparente no que diz respeito à força do ego assim como por um elevado potencial de crescimento. Durante este período o indivíduo busca definir sua identidade adulta.

Com isto, diz-se comumente que o adolescente perde sua identidade infantil e busca uma nova identidade. A impressão que resta desta afirmação é que o adolescente não possui identidade. Knobel faz-nos notar que "a identidade é uma característica de cada momento evolutivo" (2, pág. 46) e portanto o adolescente tem sua identidade adolescente que lhe permite prosseguir seu ciclo de desenvolvimento. Implica no luto pela identidade infantil para passar à identidade adulta, caracterizando-se pela mudança das relações do indivíduo, basicamente com os pais (externos reais e figuras parentais internalizadas).

De fato, a formação da identidade vem a ser "um processo que surge da assimilação mútua e bem sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância que, por sua vez, pressupõe a inclusão bem sucedida das introjeções primitivas". (Grinberg, 11, pág. 18).

Este êxito depende em primeiro lugar da relação satisfatória com a mãe, e em segundo lugar de uma relação satisfatória com a família em sua totalidade. Assim sendo, a formação da identidade teria seu início no primeiro "encontro" verdadeiro entre a mãe e o bebê quando ambos podem se tocar e reconhecer mutuamente. Seria este o início do processo que leva à capacidade de diferenciar totalmente o eu do não-eu, que é um dos atributos da identidade adulta.

O sentimento de identidade, portanto, está fundamentalmente ligado ao esquema corporal, que possibilita a discriminação entre um espaço próprio, interno, e um espaço não-próprio externo. A relação da criança com os objetos através da pele e da boca, com a cooperação dos olhos e das mãos, e de um modo geral através do rosto e dos genitais, se constitui no fator que possibilita o reconhecimento do próprio corpo e do corpo dos outros. A criança vai aos poucos individualizando seu corpo, de início por partes, para depois integrá-las num conjunto, protegendo-se da ansiedade provocada pelo sentimento de desintegração dos primeiros períodos da vida por uma fantasia inconsciente de uma "pele-continente". Ao tomar consciência do caráter total do seu corpo, o outro também passa a ser para ela um objeto total.

A diferenciação progressiva com relação aos outros vai levar à integração pessoal, produzindo um efeito de unidade e unicidade.

A expressão das emoções se reflete na expressão corporal e o conhecimento do próprio corpo e das próprias emoções e do corpo dos demais assim como de suas emoções estão estreitamente interrelacionados.\*

---

\* Vide nota no final deste capítulo.

O esquema corporal constitui-se na base de um dos três vínculos de que fala Grinberg (11, pág. 22), o vínculo espacial. Do processo de interação contínua destes três vínculos resulta o sentimento de identidade. Os outros dois são o temporal e o social.

As integrações temporais têm como base as lembranças das experiências passadas conservadas no inconsciente. Estas lembranças, uma vez incorporadas, assimiladas e automatizadas, possibilitam o processo de aprendizagem e reconhecimento da própria identidade através do tempo. O poder recordar-se no passado e imaginar-se no futuro = faz com que o indivíduo saiba que é fundamentalmente o mesmo que foi ontem e que será amanhã. Implica em expectativas e aspirações, e portanto no ideal do ego, que se constitui num modelo com o qual o indivíduo se confronta e que procura alcançar, formulando projetos para seu futuro.

O terceiro vínculo, o social, diz respeito às relações com os outros que se expressam fundamentalmente pelos processos de introjeção e projeção.

Segundo Grinberg (11, cap. 5) os processos que possibilitam a diferenciação entre o si-mesmo ("self") e os objetos são, de acordo com a nomenclatura Kleiniana, a identificação projetiva e a identificação introjetiva. O primeiro corresponde a uma identificação primitiva, na qual as fantasias inconscientes do si-mesmo e dos objetos não estão diferenciadas. É a relação que se dá na simbiose. O segundo corresponde à identificação madura, que se baseia na diferenciação prévia entre as fantasias inconscientes do si-mesmo e dos objetos. É seletiva, incorporando aspectos parciais dos objetos que enriquecem o si-mesmo.

Erikson apresenta duas definições de identidade, sendo a segunda muito próxima desta idéia do vínculo social de Grinberg. A primeira se aproxima mais dos outros dois vínculos de integração.

Em primeiro lugar, para Erikson, a identidade

é "uma sensação subjetiva de mesmidade e continuidade". - (10, pág. 16). Em segundo lugar, vem a ser uma "unidade de identidade pessoal e cultural" pois a "identidade de uma pessoa ou grupo pode ser relativa e definir-se por contraste com a de outra pessoa ou grupo, e que o orgulho de conseguir uma identidade sólida pode significar uma emancipação interior com relação a uma identidade grupal dominante, como a da maioria compacta". (10, pág. 17-18).

Neste sentido a crise de identidade vem a ser, para Erikson, o aspecto psicosocial da adolescência, e a identidade um processo psicosocial que preserva alguns traços essenciais tanto no indivíduo como na sociedade. Não se trata portanto de um sistema interno, fechado, impenetrável à mudanças, e a crise de identidade individual e as crises contemporâneas do desenvolvimento histórico es tão interrelacionados.

Como vimos no primeiro capítulo, a sociedade e o adolescente sofrem influências mútuas em seu processo de desenvolvimento. O jovem com suas reivindicações abala as estruturas sociais vigentes, e a sociedade deve poder conceder ao adolescente e ao adulto jovem um tempo de pausa para atingir uma definição pessoal diante de si mesmo e dos outros.

É o período de "moratória psicosocial" de que fala Erikson (10, pág. 127-128) durante o qual o indivíduo busca seu lugar na sociedade. Ensaaiando papéis, experimentando soluções para seus conflitos, durante este período que a sociedade lhe concede, o adolescente procura chegar ao compromisso que assumirá ao atingir a maturidade.

Mas a sociedade pode também ceder ao mal estar provocado por todas as mudanças e reivindicações, passando a pressionar o jovem para que ele se defina, esquecendo que <sup>ele</sup> o faz justamente mantendo-se na indefinição. Esta pressão vem de encontro à necessidade do adolescente de fixar-se em alguma coisa, em função da ansiedade que

experimenta diante de sua própria instabilidade. Ele pode então definir-se cedo demais e a moratória fracassa quando ele se compromete prematuramente.

Por isto este período de moratória psicossocial torna-se fundamental à formação da identidade: o adolescente necessita principalmente de - tempo - para elaborar todos os lutos que vivencia.

Passa então por todo um trabalho de seleção dentre as identificações significativas, que vão sendo também alteradas para formar um todo único, e por ensaios de diversos papéis, o que deverá levá-lo à determinação da identidade final.

Ao percorrer este caminho ele pode adotar distintas identidades: identidades transitórias, adotadas durante um certo período; identidades ocasionais, adotadas diante de situações novas; identidades circunstanciais, que conduzem a identificações parciais transitórias que costumam confundir o adulto, surpreso às vezes diante da conduta de um mesmo adolescente que recorre a este tipo de identidade apresentando-se de forma inteiramente diferente, em lugares diferentes. (Knobel, 2, pág. 53).

Também uma identidade negativa pode ser adotada, baseada em identificações com figuras negativas, reais, o que dá origem aos grupos delinquentes, homossexuais, etc., enquanto que o desempenho no papel pode levar a pseudo-identidades, i.e. e funcionar "como algo", alienado de si-mesmo, em vez de "ser algo". O indivíduo funcionaria então segundo um modelo social, em função do que se espera dele, e não de acordo com o que ele é. O papel prevalece à individualidade.

Portanto, podemos dizer com Grinberg que a identidade, enquanto combinação específica de papéis, deveria somar-se à individualidade, enquanto maneira peculiar a cada um de preencher os papéis, para fazer de cada ser humano um ser único.

O processo de formação da identidade constitui-se então numa configuração evolutiva que se estabelece gradualmente por sínteses e resínteses do ego durante toda a infância. Sua formação começa onde termina a utilidade das identificações, que vão sendo seletivamente rejeitadas e assimiladas, e integradas numa nova configuração que, por sua vez depende do processo pelo qual a sociedade identifica ao jovem. (Erikson, 10, cap. 4, § 2).

### IDENTIDADE OCUPACIONAL E VOCACIONAL

Comentando as palavras com que Bernard Shaw descreve o término da crise de sua primeira juventude, Erikson as traduz para uma linguagem sua e diz que "para ocupar seu lugar na sociedade o homem deve adquirir o uso habitual de uma faculdade dominante, "livre de conflitos", para elaborá-la numa ocupação". (10, pág. 122).

O homem busca seu ajustamento na sociedade = nas áreas do estudo e do trabalho e isto por-se reflete na formação de sua identidade ocupacional.

Na escola, e mais tarde na vida profissional, o indivíduo busca - uma forma de ser fazendo alguma coisa - procurando integrar sua identidade pessoal, digamos, geral, e sua identidade ocupacional.

Identidade pessoal implica em quem ser e quem não ser; identidade ocupacional em o que fazer (e eventualmente) o que não fazer. O compromisso a assumir diante de si-mesmo e da sociedade, enquanto adulto, implica numa integração das duas.

Se há conflito com relação à escolha da - forma de ser fazendo algo - é porque há conflito e uma não - integração entre as duas identidades.

É comum, por exemplo, o adolescente querer seguir determinados estudos universitários, mas trabalhar = numa outra profissão; ou então seguir determinada carreira



e buscar uma forma de compensação numa atividade que ele intitula de "hobby".

As dúvidas que o jovem sente a respeito de uma escolha profissional se devem a identificações que ainda não foram resolvidas. As identificações apresentam aqui um caráter defensivo contra um conflito. Uma vez resolvido este conflito, e as identificações integradas, o adolescente pode alcançar a sua identidade ocupacional.

Os problemas vocacionais, portanto, estão de terminados pelos obstáculos que dificultam o atingir a identidade ocupacional.

Rodolfo Bohoslavsky define identidade ocupacional como a "auto-percepção ao longo do tempo em termos de papéis ocupacionais", sendo um papel uma "seqüência = pautada de ações aprendidas, executadas por uma pessoa em situação de interação social". (6, pág. 42).

O assumir papéis pode dar-se de forma consciente ou inconsciente. Quando o indivíduo assume seu papel ocupacional de forma consciente, ou pelo menos de forma predominantemente consciente, pode-se considerar que chegou a atingir uma identidade ocupacional. Quando o faz inconscientemente, seu comportamento se manterá no nível de ações adotadas e executadas de acordo com a pauta estabelecida pela sociedade. Estaremos diante de identificações e não de identidade verdadeira.

A autenticidade do papel ocupacional, e portanto da identidade ocupacional, dependerá assim dos vínculos que o sujeito estabelece com os objetos.

São vários os vínculos a serem levados em consideração: atuais, passados, potenciais. Todos eles comportam aspectos manifestos e não manifestos, ambos reais e envolvendo fantasias conscientes e inconscientes.

Os vínculos passados são os que pertencem à história do sujeito e que de alguma forma determinam os vínculos atuais e os potenciais.

Os vínculos potenciais são os relacionados aos objetos do futuro em termos de projetos. Estão estreitamente ligados ao ideal do ego e portanto às aspirações do sujeito. Correspondem aos desejos do adolescente de "sentir-se realizado" que implicam justamente um "realizar-se realizando", que o adolescente geralmente esquece, e que diz respeito à sua identidade ocupacional, i.e. ao vincular-se com objetos para assumir um papel ocupacional.

Os vínculos atuais correspondem aos aspectos = manifestos e não manifestos da relação com o profissional. Condensam e expressam os vínculos passados e os potenciais.

De acordo com Boboslavsky, o "psicólogo centrado nos vínculos atuais, opera sobre os potenciais e diagnostica os passados". (6, pág. 41).

A importância de se focalizar os vínculos que o adolescente estabelece está no fato de que esta é a maneira de entender as motivações que o levaram a determinada escolha. O fato em si não é significativo, o que está por traz é que nos interessa. O adolescente pode, por exemplo, ter escolhido a mesma profissão do pai e isto não ser devido a uma identificação e pode ter escolhido uma profissão diferente da do pai e isto sim dever-se a uma identificação.

Ao dizer isto é necessário lembrarmos que uma escolha baseada inicialmente em identificações não é necessariamente uma má escolha. Pode ser uma boa escolha se se torna autônoma dos motivos originais que deram lugar à identificação inicial.

Essa identificação inicial, aliás, é o que geralmente se observa nos primeiros estágios da formação da identidade ocupacional. De fato, todo adolescente quer = ser alguém como tal ou qual pessoa, real ou fantasiada, = com tais e quais características, em determinada profissão. O vir a ter determinada profissão portanto, significa, pelo menos inicialmente para o adolescente, possuir

os atributos de determinada pessoa, ou pessoas, aos quais ele aspira.

Tal como a identidade pessoal, a identidade ocupacional se baseia sobre o esquema corporal e sobre as influências recebidas do meio ambiente. Por isso, ambas as identidades devem ser vistas em função da contínua interação de fatores internos e externos do indivíduo.

As primeiras preocupações do adolescente com relação à escolha profissional estão ligadas ao comportamento, aos gestos, e à expressão corporal características de cada profissional. Em sua fantasia se imagina executando determinadas tarefas, usando um determinado instrumental, que adquire qualidades mágicas, agindo conforme imagina que seu modelo age.

Quanto às influências recebidas do meio ambiente, devem ser levados em consideração os fatores que determinam o ideal do ego, os que decorrem das identificações com o grupo familiar e o grupo de pares, assim como os devidos às identificações sexuais (Boboslavsky, 6, cap. 1).

Ao longo de sua infância a criança vai se identificando consciente ou inconscientemente com diversas figuras significativas em função das quais estabelecerá em parte suas pautas de comportamento. Formulará projetos e terá expectativas em função do ideal do ego que terá sido estabelecido sobre a base dessas identificações. O mesmo se dá para com o ideal do ego em termos ocupacionais: ele se estabelecerá em termos de relações carregadas afetivamente com pessoas que executam papéis ocupacionais. O "eu gostaria de ser..." é sempre um "ser igual a fulano que possui tais e quais virtudes e que estabeleceu tal e qual relação comigo", (Boboslavsky, 6, pág. 45), sendo que esta formulação poderia vir também em termos de "querer ser diferente de".

Com relação às identificações com o grupo familiar, dois aspectos devem ser levados em consideração. Em

primeiro lugar, a escala de valores segundo a qual o grupo familiar classifica as ocupações influencia o comportamento do jovem, pois o grupo familiar se constitui no grupo fundamental ao qual ele pertence e se refere, quer funcione como grupo de referência positivo ou negativo. Em segundo lugar, a própria problemática vocacional dos membros do grupo familiar entra em jogo nas satisfações e insatisfações em função de seus próprios ideais do ego.

As identificações com o grupo de pares operam de forma semelhante às do grupo familiar. Destaca-se aqui, contudo, um ponto importante: o "seguir caminho juntos", que só ocasionalmente aparece em relação ao grupo familiar, tem grande influência dentro do grupo de pares e freqüentemente determina imagens profissionais distorcidas.

Quanto às identificações sexuais, ainda há hoje em dia, ocupações consideradas "masculinas" e ocupações "femininas" e o adolescente integra esta valorização dentro de sua identidade ocupacional. Com relação aos grupos a que o adolescente pertence ou se refere, não basta saber qual é o tipo de grupos para entender a gênese de sua identidade ocupacional: é preciso focalizar toda a dinâmica que envolve este interrelacionamento.

Charlotte Bühler e Super estabeleceram uma escala de desenvolvimento da identidade ocupacional, em cinco etapas (6, pág. 55-56).

A primeira é a de crescimento, que segundo Super vai até os quatorze anos onde a escola tem papel importante, onde o auto-conceito está centrado em identificações e onde predominam sucessivamente as fantasias, os interesses e as capacidades. Dos quatro aos dez anos, as fantasias expressam as necessidades básicas da criança; - aos onze e doze anos aparecem interesses e gostos, ou necessidades em termos motivacionais; aos treze e quatorze anos surgem as capacidades em função do treino, sobre

tudo no período escolar, e que são as habilidades que a criança reconhece em si-mesma.

A segunda etapa é a de exploração e vai para Charlotte Bühler dos quinze aos vinte e quatro anos. O auto-conceito aqui está centrado no exercício de papéis. Super divide esta etapa em três momentos: dos quinze aos dezesete anos, tentativas, quando a escolha de papéis será exercitada com base na fantasia; dos dezoito aos ~~vinte~~<sup>21</sup> anos, transição, quando há uma maior consideração da realidade que permite confrontar as necessidades, os gostos e os interesses com as oportunidades que a realidade oferece; dos vinte e dois aos vinte e quatro anos ensaio, quando o indivíduo localiza uma área da realidade, que ele discrimina de todas as outras, e que escolhe como própria relacionando-se com ela mais diretamente.

Esta etapa engloba a extensão da vida universitária no final da qual pode haver uma reedição da crise vocacional de cuja resolução dependerá a vida profissional.

A terceira etapa é a de estabelecimento, indo dos vinte e cinco aos quarenta e quatro anos. Tem dois momentos: o 1º, ensaio supõe a mudança de áreas, e implica todas as vicissitudes ~~em~~ quanto à escolha de campos de trabalho dentro de uma mesma profissão, i.e. o que, como, onde, com quem, em que tarefa, em que especialização; o 2º, estabilização, é um momento puramente criativo, desde o ponto de vista pessoal, e mais claramente reparatório.

As duas últimas etapas são a de manutenção e a de declínio, que culmina no afastamento.

Podemos não perguntar agora onde entra nisto tudo a identidade vocacional?

"Vocação" foi considerado muito tempo um conceito explicativo da escolha da carreira ou do trabalho. Na realidade, é algo a ser explicado, i.e. passamos a nos perguntar o porque de determinada vocação, e o conceito

torna-se meramente descritivo, tendo de ser explicado.

Para tanto podemos recorrer às teorias de motivação: as pessoas fazem algo por ou para algo, que não está bem definido, e que na Orientação Vocacional poderia ser o produto, i.e. a identidade ocupacional. Mas e a identidade vocacional? Há uma diferença entre as duas?

Segundo Bohoslavsky (6, cap. 1) como já vimos anteriormente, a identidade ocupacional implica em auto-percepção ao longo do tempo em termos de papéis ocupacionais e portanto inclui: com que, quando, como, à maneira de quem realizar um trabalho. Supõe-se que aí o sujeito integrou suas diversas identificações.

Identidade vocacional por sua vez definirã porque e para que se assume esta identidade ocupacional, e implica em "auto-percepção, elaborada ao longo da vida do sujeito, em termos de trabalho ou estudo" (6, pág. 86). Os problemas de Orientação Vocacional refletem portanto obstáculos não superados durante o desenvolvimento do sujeito.

Isto nos leva a uma teoria da personalidade, = seja qual for. Pode ser, por exemplo, uma referência ao quadro adleriano (teleológico: o desejo de superar a inferioridade básica faz com que o sujeito se proponha metas e oriente sua conduta no sentido de alcançá-las), ou psicanalítico (e então as identidades ocupacionais seriam entendidas como uma manifestação da sublimação dos instintos), enquanto que para Bohoslavsky o conceito de reparação talvez venha a ser o mais útil como ponto de referência.

Esta colocação, em termos de identidade ocupacional e vocacional, afasta de vez a idéia de que vocação é algo dado, um chamado ou destino preestabelecido = que devem ser descobertos. A identidade vai se formando = aos poucos e no final deste processo espera-se que o indivíduo seja independente e possa escolher e orientar seu

próprio futuro.

A Orientação Vocacional fundamentada nestas idéias procura realçar a importância da identidade ocupacional e vocacional no processo da escolha de uma profissão considerando ambas como parte da identidade pessoal = total, que também deve ser estudada e analisada.

Focalizando a identidade ocupacional e vocacional do adolescente a orientação vocacional procura resolver os conflitos relacionados aos papéis ocupacionais capacitando assim o indivíduo para a escolha autônoma e madura. Nisto reside sua principal diferença em relação à Orientação Vocacional em moldes mais tradicionais, que se ligava à determinação da profissão a seguir muito mais do que à gênese da opção profissional.

o0o

---

NOTA - ERRATA: à pág. 41, final do último parágrafo, inserir o parágrafo seguinte:

O esquema corporal guarda, portanto, estreita relação com os estados afetivos que resultam dos vínculos com os objetos mais próximos.

## O PROCESSO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

### O ORIENTADOR E SEU PAPEL NO PROCESSO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL.

A identidade do orientador constitui-se em importante tema de exame por parte do profissional que se dedica à orientação vocacional, tanto no sentido de uma análise da identidade pessoal como da própria identidade profissional.

É necessário que o orientador se detenha durante algum tempo neste ponto procurando conhecer-se, verificar exatamente qual sua concepção do mundo, sua ideologia, sua escala de valores e quais seus conflitos e seus limites.

O grau de compreensão que o orientador tenha a respeito de seus conflitos, e aqui de forma especial dos conflitos ligados às próprias opções profissionais, dará a medida principal de sua disponibilidade para dedicar-se ao trabalho de Orientação Vocacional.

O conhecimento da própria realidade, interna e externa, dependerá de todo um trabalho de elaboração e lutos diversos, que permitirá atingir um sentimento de autenticidade com relação à própria identidade por parte do Orientador.

A auto-compreensão aliada aos conhecimentos teóricos e técnicos darão a capacidade de compreender o outro, ponto básico em qualquer atendimento psicológico, seja qual for a posição conceitual adotada a este respeito.

Pode-se pensar em "dissociação instrumental", sobre a qual Bleger escreve: "deve ser uma dissociação porosa no sentido de que o sujeito pode entrar e sair, observar e deixar de observar, conectar-se e desconectar-se. Se o entrevistador não trabalha dissociado pode ocorrer =



que permaneça excessivamente absorvido pelo entrevistado. É este tipo de gente boa que se identifica demais, que participa demais. Se vêm numa relação em encêrro claustrofóbico a respeito do entrevistado, metem-se demais, não podem manipular o ponto onde se meteram e depois não podem separar-se. O outro é um entrevistador que em vez de identificar-se mantém-se observando: é o sujeito que escuta, anota, mas está frio, se mantém a uma descrição muito sumária e exterior de atitudes, mudanças de movimentos externos e posturais, mas não pode passar disso"

Pode-se falar também em saber colocar-se no lugar do outro, em adotar o quadro de referência interno do outro (Rogers), em estar alerta para não se deixar ficar "interessado" e portanto envolvido na história relatada (Knobel), em ter sensibilidade, intuição, empatia, capacidade para um verdadeiro "encontro" (Moreno), para citar algumas posições. Tudo isto querendo expressar a necessidade de se estabelecer uma relação "pessoal", humana, específica a cada adolescente em cada momento.

Uma constante recolocação das hipóteses de trabalho, formuladas ao longo de todo o atendimento, e um permanente reexame da própria atividade tornam-se imprescindíveis não só por uma atitude de honestidade e de pesquisa científica, como também pelo fato do atendimento de adolescentes exigir uma boa dose de flexibilidade e versatilidade por parte do Orientador. Ele deve poder variar suas respostas diversas vezes no decorrer de uma sessão, em função da grande instabilidade característica do adolescente.

Isto torna muito difícil definir-se uma forma ortodoxa de qualquer técnica voltada ao atendimento de adolescentes. O que se pode fazer é tentar estabelecer um quadro geral básico fundamentado no conhecimento do adolescente e de algumas diretrizes técnicas.

Neste quadro, o papel do orientador vem a ser o de ajudar o adolescente a entender-se melhor para que =

consiga realizar uma escolha, senão de forma menos conflituosa, pelo menos de forma menos defensiva. Isto consistirá em amenizar os conflitos de alguns e "criar" os conflitos para aqueles que acreditam não precisar de ajuda quando na verdade sua tranquilidade e despreocupação não passam de aparentes.

Enfim o principal papel do Orientador num processo de Orientação Vocacional é de fornecer ao adolescente um modelo de como se realiza uma escolha, e mais especificamente uma escolha profissional.

Para tanto deve ser capaz de deixar-se impregnar pelas situações examinadas, ligadas diretamente à relação ou não; deve poder distanciar-se das mesmas para depois retornar à cena; tendo "problematizado"\* tanto os dilemas como as pseudo-soluções, e poder assim ajudar ao adolescente a realizar o mesmo processo. (Bohoslavsky, 8, pag. 292).

Nas palavras de Grinberg "... o papel do analista é considerado como um "continente" que integra os "pedaços de identidade" do paciente ..." (11, pág. 27), ao que podemos acrescentar que o papel do Orientador vem a ser algo muito semelhante a isto, bem que através do emprego de técnicas diferentes.

O perigo aqui está no fato de que os problemas levantados pelos adolescentes, reatualizam os conflitos e as escolhas do Orientador. Isto exige dele o ter atingido uma certa tranquilidade a respeito de suas opções e seus lutos pessoais assim como o ter a capacidade de manter constante uma preocupação com a contratransferência e a contraidentificação projetiva, no sentido de estar alerta e analisar estes dois fenômenos, que passam a se constituir num dos instrumentos de seu trabalho.

---

\* Ver adiante a classificação dos tipos de situação em que o orientando pode-se apresentar à Orientação Vocacional: pré-dilemática, dilemática, problemática e de resolução.

Visto deste prisma o processo da Orientação Vocacional torna-se tarefa do psicólogo, sem que isto todavia elimine os outros profissionais ligados a este campo. É também recomendável que o psicólogo orientador tenha alguma experiência em atendimento terapêutico, tanto individual como de grupo, para poder desenvolver um trabalho clínico.\*

### O ORIENTANDO NO PROCESSO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Lembrando as etapas estabelecidas por Ch. Bühler e Super para o desenvolvimento da identidade ocupacional, verificamos que a segunda, a da exploração, se estende numa faixa etária de idade que vai justamente do momento da primeira escolha vocacional (15 anos - média de idade dos alunos de fim do 1º grau, coincidindo com a 1ª. Orientação Vocacional, visando ao 2º grau) até o término da formação profissional superior (24 anos - média de idade dos estudantes universitários em fim de curso).

Esta etapa inclui toda uma série de tentativas e ensaios que tem como finalidade levar o indivíduo ao estabelecimento de sua identidade ocupacional final.

Assinala Bohoslavsky que o termo "explorador" é muito sugestivo pois designa alguém que se entranha num lugar desconhecido, e é o que os adolescentes fazem, ou pelo menos deveriam fazer, sendo acompanhados nesta expedição pelo Orientador.

Bohoslavsky chama a atenção para o fato de que o explorador tem de levar em consideração o que vai explorar e com que instrumental. Da síntese destes fatos surge o conceito de "situação".

Esta colocação torna-se útil a uma metodização do trabalho e ao diagnóstico, assim como ao adolescen

\* Para maiores esclarecimentos sobre esta posição diante da Orientação Vocacional ver o livro de Rodolfo Bohoslavsky, principalmente a pág. 18 e seguintes.

te para quem se pode apresentar o processo em termos de expedição exploratória fazendo-o desenvolver suas vivências e seu raciocínio neste sentido. Por exemplo, no início do processo, no momento do contrato, quando são estabelecidas as responsabilidades de cada um, torna-se mais fácil para o adolescente realmente imaginar-se numa exploração para, a partir daí, determinar suas tarefas com relação à tomada de conhecimentos de si-mesmo e das profissões.

Hã vários tipos de situação que podem ser delimitados de acordo com o grau de ansiedade, com o tipo de conflitos e de defesas na conduta do adolescente. (6, pág. 57-59).

A primeira é a situação predilemática, onde o adolescente não se preocupa nem remotamente com a Orientação Vocacional, vem à sessão porque é levado, não parece sequer saber que tem uma escolha a fazer, não sabe porque nem para que está ali. É imaturo, extremamente dependente, estabelecendo uma relação filio-paterna com o Orientador, e muitas vezes não conseguindo sair desta situação para a seguinte. Assim sendo não se trata de um caso de Orientação Vocacional: há necessidade, em vez disto, de um atendimento psicoterapêutico.

A segunda situação é a dilemática. Aqui o adolescente tem noção de que algo está lhe acontecendo, enfrenta dúvidas, dificuldades, sente-se ansioso e age como tal confundindo facilmente profissões com matérias, pais com professores, e assim por diante. Os conflitos continuam ambíguos e as defesas mais comuns são: a dissociação, a identificação projetiva, a negação. Quando a negação é muito acentuada o adolescente pode passar a uma situação predilemática. Não conseguindo ultrapassar a situação dilemática, o indivíduo dificilmente efetuará uma boa seleção em vista de uma decisão.

A terceira situação é a problemática. Neste caso o adolescente mostra-se preocupado, sabe de que

gosta e de que não gosta, o que pode fazer e o que não pode, há maior discriminação, menor confusão, mas não há ainda integração. As funções egóicas do jovem estão envolvidas na análise da situação, e o indivíduo aparece como disponível à tarefa da Orientação Vocacional. Suas ansiedades são moderadas, podendo ser persecutórias ou depressivas, ou ambas alternadamente durante uma mesma entrevista.

A quarta situação é a de resolução - Difícilmente se dá numa primeira entrevista, geralmente se dá nas últimas. O adolescente chegou a uma solução, que implica numa escolha, que por sua vez implica em processos de elaboração de lutos. Mostra-se cansado mas satisfeito. Pode ocorrer que, na tentativa de se defender, o jovem regrida querendo que alguém realize a escolha por ele. Outras defesas possíveis são a repressão, a negação e a idealização ou a identificação projetiva e onipotência. O que as diferencia das que ocorrem nas situações anteriores é que estas são momentâneas.

A elaboração da conduta numa situação de mudança pode ser vista em função de três "momentos" pelos quais o adolescente passaria: seleção, escolha, decisão. - (6, pág. 88-89).

A seleção se dá em função dos mecanismos egóicos de discriminação. Esta discriminação se realiza entre objetos internos e externos, assim como entre os objetos internos em si, e entre os objetos externos.

A escolha implica numa função seletiva, a anterior, e no estabelecimento de vínculos diferenciais = com os objetos, pela capacidade egóica de estabelecer relações satisfatórias e relativamente estáveis com os objetos.

A decisão liga-se à capacidade de suportar a ambigüidade e a frustração, resolver conflitos e elaborar perdas. Implicaria em projetos a longo prazo e portanto na função egóica de regulação e controle dos impulsos.

Estas esquematizações da posição do orientando no processo da Orientação Vocacional são extremamente úteis ao diagnóstico e ao planejamento do atendimento, facilitando amplamente o trabalho do Orientador.

### A RELAÇÃO ORIENTADOR-ORIENTANDO

Em termos de vínculo transferencial, a relação que se estabelece entre orientador e orientando pode ser classificada segundo quatro modalidades (6, pág. - 96).

Na relação mágica predomina a idéia de onipotência do Orientador que o adolescente espera ver assumir todas as responsabilidades e decisões.

Na relação fílio-paterna, o adolescente acredita que se for um "bom filho", e para tanto aceita cordato as consignas, o Orientador lhe dará apoio e conselhos, resolvendo seus problemas.

Na relação auto-confiada o adolescente pensa que algumas poucas sugestões por parte do Orientador resolverão suas dúvidas e ele poderá logo seguir caminho. Pode chegar a abandonar o atendimento assim que atinja o momento da escolha, sem chegar ao de decisão.

Na relação de aspiração o adolescente aceita as ambigüidades passageiras e coopera com o Orientador que lhe dará a oportunidade de aprender a escolher.

Paralelamente ao tipo de relação estabelecido o adolescente procura um tipo de situação no qual escolhe escolher. São elas: uma situação de liberdade, de apoio, ou de permissividade. (6, pág. 96).

O adolescente pode achar que atingirá sua emancipação através da liberdade aos laços que ainda sente prendendo-o, e se mostrará competitivo, rebelde ou submisso com relação ao Orientador em função da forma que lhe parecerá mais adequada para obter a liberdade.

No segundo caso, ao buscar apoio para suas opções, o adolescente pode pedir diretamente a ajuda e a decisão do Orientador ou pedir-lhe, indiretamente então, opiniões diversas sobre sua pessoa.

Ao procurar uma situação de permissividade o adolescente está tentando encontrar uma situação em que lhe seja permitido reatualizar as escolhas realizadas na fantasia. Mostrar-se-á pronto a cooperar com a pessoa que lhe proporcionará a oportunidade de realizar estes ensaios, o Orientador.

#### PONTOS REFERENCIAIS BÁSICOS DO PROCESSO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Dentro de um atendimento psicológico o enquadre é um dos pontos fundamentais a serem levados em consideração e estabelecidos pelo profissional.

Marta Berlin diz a este respeito: "O enquadre, limite da identidade e da ação de cada um, será o único instrumento que nos permitirá observar, pensar e operar livremente, assumindo o máximo de efetividade profissional e o mínimo de confusão ou identificação com a situação problemática. O enquadre é algo assim como o salva-vidas que nos permitirá flutuar dentro das situações estereotipadas, confusas ou enfermas e que nos permitirá manter a cabeça (capacidade de pensar) fora da confusão que fomos chamados a solucionar como técnicos, bem que o corpo esteja incluído no campo total". (6, pág. 171).

Para Bohoslavsky o enquadre se constitui = no "conjunto das regras do jogo", tendo de ser mantido fixo, levando-se em consideração para tanto as regras do jogo manifestas, que são as fixas e que possibilitam a vinda à tona das regras do jogo latentes do Orientando, ou seja sua estrutura de personalidade.

Antes de mais nada, portanto, deve-se pensar em estabelecer o enquadre, que se traduz na relação

com o Orientando pelo contrato, que adquire desta forma importância fundamental. O Orientador deve ter claras para si-mesmo as "regras do jogo", desde a composição do ambiente físico até o tipo de técnica empregada no atendimento, com suas peculiaridades, nos mínimos detalhes, tais como o número de horas necessárias a este trabalho, a frequência, e assim por diante. Todas as características que compõem o enquadre vêm a se constituir no final das contas numa linguagem que o Orientando capta paralelamente à linguagem verbal. A resposta do Orientando, neste nível não verbal, se constitui igualmente num importante veículo de comunicação para o Orientador.

A finalidade desta dinâmica, e portanto do processo de Orientação Vocacional em si, vem a ser a de dar ao adolescente um modelo de como se realiza uma escolha que lhe possibilite escolher no momento oportuno, mesmo que este momento não venha a ocorrer na presença do Orientador. Visa-se portanto à decisão autônoma do Orientando, num trabalho profilático.

Para isto é necessário iniciar verificando que forma de escolher o orientando escolheu. E isto pode ser feito através do exame da forma de enfrentar a situação nova da entrevista que o adolescente escolheu. As hipóteses levantadas através desta observação serão analisadas e revistas no decorrer das sessões seguintes.

Os vínculos transferenciais e o tipo de situação de que falamos acima são instrumentos valiosos para o estabelecimento do tipo de escolha que o adolescente escolheu.

As escolhas que o Orientador almeja ensinar ao adolescente são: a escolha madura e a escolha ajustada. A primeira depende da elaboração dos conflitos, quando o adolescente não necessitará mais das identificações enquanto defesas, e poderá identificar-se com seus interesses e aspirações e identificar-se ao mundo externo com



as profissões, diferenciados dele mesmo. A escolha ajusta da implica na possibilidade do auto-controle permitir ao adolescente a integração de seus interesses e suas capacidades com as oportunidades que o mundo externo oferece, levando-se em conta a os fatores sociais, econômicos e políticos, que possam vir a ter alguma influência no mundo profissional.

Para realizar este trabalho de Orientação Vocacional, segundo o enfoque que lhe estamos dando, não há regras estabelecidas e um programa certo a seguir. Há contudo a possibilidade de se delimitar algumas diretrizes básicas.

Neste sentido, algumas das idéias lançadas pelos autores que se dedicam à terapia breve podem ser úteis e aplicáveis ao trabalho da Orientação Vocacional.

Tal como as técnicas de terapia breve utilizaram a teoria e a técnica psicanalíticas como modelo conceitual (17, pág. 81), a Orientação Vocacional também pode fazê-lo, no sentido de utilizar, por exemplo, técnicas interpretativas, a transferência e a contratransferência. O enfoque contudo seria sobre o momento atual do Orientando, mais do que sobre os elementos histórico-genéticos, não recorrendo à regressão, que é o ponto principal de divergência entre a terapia breve e a terapia psicanalítica (17, pág. 84).

Tal como na terapia breve, uma técnica útil é a de focalizar o problema, diferenciá-lo e centralizá-lo num trabalho conjunto com o paciente. Os esclarecimentos são centrados sobre o que terá sido considerado como sendo a situação a ser resolvida, i.e. a problemática vocacional, fazendo com que o Orientando se enfrente com o problema que procura evitar de várias formas delegando a responsabilidade a outros (geralmente os pais, e depois ao Orientador).

As interpretações transferenciais podem ser usadas mas não se constituem no recurso principal da

técnica.

É comum, no início do grupo, apesar dos esclarecimentos e da elaboração conjunta do contrato, que os adolescentes se mantenham numa atitude passiva de expectativa, aguardando que o Orientador tome as iniciativas. Neste caso pode-se lhes interpretar que estão se comportando como estão acostumados a se comportarem em casa com os pais, que eles sentem como responsáveis por eles, e no colégio com os professores, que determinam suas tarefas, esquecendo-se de que aqui e agora cada um deles é responsável por si-mesmo, pela própria vida, pela própria escolha. Isto também prepara o caminho para o ensaio de vida profissional no mundo adulto onde cada um deverá assumir sua identidade ocupacional, ensaio este que poderá ser realizado concretamente no próprio grupo através de técnicas psicodramáticas.

O role-playing vem a ser uma técnica de trabalho muito produtiva com o adolescente e pode se constituir na base do processo através da representação de papéis profissionais seguida da análise da mesma e de uma elaboração conjunta. O uso da dramatização provoca a vivência emocional da situação, que por si só combate a tendência do adolescente de "aprender" as coisas e de resolver os problemas pela intelectualização e pelas elocubrações teóricas. Obriga-o a passar pela situação concretamente, e afasta de certa forma a influência dos pais, que acham que o jovem deve seguir o "seu" bom exemplo, ou a voz da experiência. A vivência emocional pessoal dá ao adolescente maior possibilidade de autonomia na escolha.

A análise da primeira entrevista permite deduzir que tipo de comportamento o sujeito adota diante de uma situação nova e ambígua. Permite portanto que se deduza também qual viria a ser provavelmente seu comportamento diante da entrada ao mundo novo e desconhecido da Universidade e mais tarde da vida profissional.

É portanto básico focalizar a primeira colocação que o orientando formula: sua problemática vocacional está fundamentalmente contida aí.

A primeira, ou primeiras entrevistas são utilizadas para a formulação de um diagnóstico. Deve-se = verificar antes de mais nada se se trata realmente de um caso para Orientação Vocacional ou não, em função da dinâ mica interna do orientando. Para chegar a um diagnóstico da problemática vocacional deve-se focalizar a pessoa total e não somente os conflitos relacionados à escolha profissional. Tal como na terapia breve, procura-se avaliar as características estruturais do sujeito, seus recursos egôicos e sua situação ambiental..

Não seriam indicados adolescentes com sêrios transtornos de personalidade, correspondentes a processos de detenção do desenvolvimento e/ou produto de mecanismos depressivos. São indicados adolescentes que apre sentam dificuldades típicas da idade. (9, pág. 90). Seguin do a nomenclatura empregada por Kalina e Rascovsky, podemos falar em adolescentes descompensados e compensados, = sendo indicados para um processo terapêutico os primeiros, e aceitos num processo de Orientação Vocacional os últimos. (15, pág. 100).

É importante que o Orientador tenha bem claras as especificações de seu trabalho e suas limita ções para não incorrer no erro de confundir terapia com Orientação Vocacional. A terapia focaliza a resolução de problemas variados de personalidade; a Orientação Vocacional focaliza o futuro profissional do indivíduo. O processo em si desta última pode todavia ser considerado terapêutico no sentido amplo de promover saúde, o crescimento e a felicidade do ser humano.

Além do diagnóstico, e também visando a este, vários dados devem ser obtidos no primeiro contato, deixando o adolescente falar à vontade ou, caso não faça isso, fazendo-lhe perguntas diretas. Verificar assim: da

dos pessoais e familiares; escolaridade e relacionamento com companheiros e professores; opiniões pessoais e familiares sobre o futuro profissional assim como as expectativas com relação à ocupação. Neste sentido é necessário examinar os vínculos subjacentes (fantasias e ansiedades) e os mecanismos defensivos que o adolescente se prepara a utilizar diante da ansiedade que a escolha lhe provoca. Ele pode sentir-se confuso não querendo escolher nenhuma profissão, ou escolher todas. Para se ver livre da ansiedade pode então resolver-se apressadamente por uma opção qualquer. Se a dificuldade for de escolha entre duas profissões então o mundo externo estará relativamente claro e diferenciado e os mecanismos de defesa de menor monta.

Na tentativa de evitar mal entendidos, sendo esta abordagem relativamente recente entre nós, e diminuir ou abolir as desistências, é importante que no primeiro contato sejam focalizadas as expectativas com relação ao processo e que se esclareçam as dúvidas com relação ao receber "resultados" e conselhos, ao se fazer ou não testes, e outras dúvidas que surjam em função desta colocação da Orientação Vocacional. Enfim: definir bem as tarefas de cada um, Orientador e Orientando, e como será executada.

Portanto o dar informações e esclarecer = papéis na primeira entrevista virã prevenir dificuldades futuras. As informações, naturalmente, são relativas ao processo de Orientação em si, e são tão objetivas quanto possível. Isto impedirá, ou pelo menos amenizará reclamações, frustrações e desânimos que surgem quando os adolescentes começam a realmente perceber que não receberão soluções prontas. Também ajuda muito ao Orientador, que geralmente nestes momentos se sente rejeitado, e lhe possibilitará ver mais claro sua situação, interpretando = com segurança o aparecimento do conflito dependência-independência.

No caso do atendimento ser realizado em

grupo, a primeira sessão será dedicada à tomada de conta to dos membros do grupo entre si, caso não se conheçam, e com o Orientador; ao acostumar-se com o físico de cada um; ao definir os papéis e a tarefa e esclarecer as expectativas com relação ao processo. O diagnóstico terá sido realizado ao ser formado o grupo, i.e. anteriormente, numa entrevista individual, ou então será efetuado no decorrer das primeiras sessões, que adquirem neste caso um caráter experimental.

A formulação do contrato de trabalho deve ser realizada assim que o diagnóstico e o prognóstico (no sentido da meta a ser atingida e metodização do trabalho) tiverem sido estabelecidos. O contrato implica no estabelecimento preciso de horários, honorários, definição da tarefa de cada um e eventualmente duração do processo. A frequência das sessões tem que ser vista com cuidado, levando-se em consideração os horários geralmente complicados dos adolescentes que costumam ter várias ocupações extra-curriculares. Por isto, uma boa forma de trabalho é de realizar a Orientação Vocacional no próprio colégio, como parte integrante do currículo e do horário normal. O intervalo máximo deve ser de sete dias, sendo que a frequência de duas vezes por semana é mais proveitosa.

O contato com os pais é quase que imprescindível. Sua influência nos adolescentes ainda é grande e a responsabilidade financeira do atendimento geralmente é deles, tornando-se muitas vezes uma forma de manipular o adolescente. O mais importante não é que os pais aceitem o atendimento, e sim que estejam ao par do que será feito e do que se espera disto, assim como é importante = que tenham consciência da problemática dos filhos. O que se espera dos pais é basicamente: cooperação sem interferência. Havendo possibilidade, o melhor seria que alguém (outro psicólogo, ou um orientador, ou um assistente social) atendesse aos pais (ou pelo menos à mãe) paralelamente ao atendimento do filho. Tratando-se de um grupo de

orientação de jovens, é muito produtivo organizar-se um grupo de pais paralelo, ou pelo menos de mães. Desta forma pode-se estabelecer acertadamente o que podem oferecer como ajuda dentro do processo aos filhos. Se não se obtiver isto os pais podem facilmente sabotar o atendimento do adolescente, às vezes até mesmo numa atitude de aparente colaboração, como, por exemplo, no caso da mãe superprotetora que, não estando suficientemente preparada para enfrentar a ansiedade do filho diante da dificuldade em realizar uma escolha, acabou tomando para si a responsabilidade da mesma ao dar-lhe "licença" para ser médico.

Portanto, a formação de grupos paralelos de pais é importante não só para o trabalho com pais que manifestamente pedem ajuda e esclarecimentos, como também, e talvez sobretudo, com aqueles que aparentemente estão muito tranquilos e cooperantes mas que, imprevisivelmente, acabam interferindo nocivamente no trabalho realizado com seus filhos.

Antes de encerrar este capítulo, parece-me importante comentar a respeito do valor a ser dado aos testes e a importância de um programa bem estabelecido de informação ocupacional.

Os testes são vistos freqüentemente como instrumentos dotados de poderes mágicos, não só pelo Orientando, como também pelo próprio Orientador.

Tornam-se portanto depositários de fantasias onipotentes tanto por parte do profissional, que pode se refugiar neles fugindo do contato pessoal, como por parte do adolescente que os considera capazes de resolverem seu problema com relação à escolha do próprio futuro sem que isto implique numa tomada de posição da sua parte.

Os testes não são nada mais do que instrumentos úteis ao Orientador dentro da dinâmica global do processo, enquanto valiosos auxiliares para uma melhor compreensão do adolescente.

A informação profissional é outro valioso instrumento de trabalho, e muito produtiva quando colhida pelo próprio adolescente. Pode ser obtida através de entrevistas com profissionais diversos, professores e estudantes universitários. Há também uma certa bibliografia, sobretudo no Estado de São Paulo onde as publicações da Fundação Carlos Chagas e da Fundação Roberto Simonsen são muito bem organizadas. O "Manual de Profissões - Cursos de nível Superior" de Carlos Augusto Rodrigues Costa (Apec Ed. - Rio - 1971) que focaliza profissões e cursos de nível universitário de todo o Brasil, assim como a seção de Informação Ocupacional de alguns números dos Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, são recomendáveis. Também pode ser consultada a matéria de jornais e revistas = com a ressalva de que geralmente deve ser verificada pois nem sempre é fidedigna.

A técnica "R.O." (6, pág. 159) e o Profissiodrama (24) se constituem em técnicas valiosas para despertar os interesses dos adolescentes para um programa de informação ocupacional.

O objetivo fundamental da técnica R.O. é de estimular o Orientando a um contato direto e pessoal = com a informação levando-o a assumir um papel ativo no processo, deixando de ser um mero receptor de dados sobre as profissões. O Profissiodrama, por sua vez, visa a suscitar nos adolescentes o sentimento de necessidade de realizar opções com relação à sua formação ocupacional; levá-los a conscientizar a importância das informações sobre as atividades profissionais e conseqüentemente prepará-los para que adotem um comportamento participante no processo de informação ocupacional; servir de elemento subsidiário de diagnóstico assim como de ensaio dos papéis ocupacionais.

Portanto, um bom programa de informação ocupacional vem a ser um dos pontos básicos do processo da Orientação Vocacional, sobre o qual o Orientador pode tra

balhar extensamente, usando as técnicas de role-playing, extrapolando daí conclusões com relação aos vínculos que o adolescente estabelece com as profissões examinadas.

Neste sentido, fica muito claro o papel de acompanhante que o Orientador deve assumir, não tomando para si a responsabilidade da escolha, e sim deixando-a para o adolescente.

o0o



### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho farei algumas considerações que me parecem proporcionar uma maior abertura à Orientação Vocacional quanto a seu campo de ação.

O tipo de Orientação Vocacional focalizado neste estudo está acentuadamente voltado para o adolescente, que se encontra diante de uma das opções mais importantes de sua vida. Foi mostrado como é difícil a etapa do desenvolvimento que o jovem atravessa, caracterizando-se por ser uma fase de "crise" durante a qual várias mudanças se processam. A assistência psicológica de um modo geral torna-se de grande auxílio para o adolescente, e o acompanhamento num processo de Orientação Vocacional pode prevenir muitos desajustamentos futuros. Parece-me com isto que o caráter eminentemente psicoprofilático que a Orientação Vocacional adquire deveria ser levado em consideração pelas Escolas que poderiam beneficiar seus alunos com um programa de preparação para a escolha profissional. Começando no início do 1º ciclo este programa passaria a ter um caráter mais intensivo no decorrer dos últimos dois ou três anos, centrando-se então na tarefa de levar às crianças os conhecimentos mais objetivos sobre as diversas profissões através de uma extensa programação de informação ocupacional. O adolescente se veria assim muito mais naturalmente preparado para uma escolha ao chegar diante da sua primeira opção obrigatória: a de decidir sobre o curso secundário a seguir. Uma escolha madura e adequada neste nível facilitará as escolhas posteriores: do curso universitário, da especialização, assim como das opções ao longo da vida profissional.

Neste sentido parece-me oportuno lembrar = os recentes debates realizados na Europa (Suécia, Inglaterra e Holanda) e um relatório da UNESCO, elaborado pela Comissão Internacional de Educação, visando uma solução para uma Escola que fará parte de um todo, - a cidade edu

cativa -, em oposição à atual Escola, "esclerosada e bloqueada como a própria sociedade". Os autores do Relatório Faure da UNESCO vão mais longe e passam a uma análise da Educação, que consideram um fato político, um subsistema da sociedade, que reflete as características desta. Outros autores também criticam a Escola atual, e propõem soluções diversas. Entre eles destacam-se Piaget e Ivan Illich. Defende o primeiro a necessidade de se manter uma Escola ativa (em: "Où va l'Education") que proporcione ao aluno uma "quebra total de barreiras" e uma "abertura de múltiplas portas laterais". Enquanto isso Illich se opõe à idéia de uma Educação pela Escola e considera que "é fora da escola que se aprende a maior parte das coisas em nossa vida; é saindo da escola que todo mundo aprende a viver, a amar, a pensar, a sentir, a trabalhar". Segundo este autor é na rua que se recebe a educação universal.

As críticas à chamada Escola tradicional = são portanto semelhantes, as soluções propostas divergem, chegando-se a falar na "morte da Escola".

O Relatório Faure responde a isto tudo defendendo a idéia de integrar a Escola, assim como a Família, e todas as instituições entre si, num sistema global educativo. Lemos assim que: "Deve-se restituir à Educação as dimensões da experiência, da existência vivida, não limitá-la a padrões rígidos e ultrapassados ... A Educação não deve preparar o homem para uma profissão precisa, definida, mas despertar nele o desejo de aprender e se formar. A Escola deve ser este organismo metódico que indica os caminhos, mas que não é um todo educativo ... Se aprender é um negócio para toda a vida é preciso ir além da revisão necessária dos sistemas educacionais e pensar numa cidade educativa".

"Educação" no futuro significará então "oferecer o máximo possível de meios e métodos, facilitar a liberdade de escolha e tornar o acesso fácil a todos os meios de informação e formação, cada vez mais diversifica

dos e dispersos no mundo atual". Um dos pontos de apoio mais importantes da cidade educativa, prevista pelo Relatório Faure, é individualizar e personalizar a Educação. E não são estes justamente os objetivos que nos propomos num processo extenso de Orientação Vocacional? Nada mais produtivo portanto para a Orientação Vocacional do que almejar integrar-se nesta nova visão da Educação e constituir-se num processo muito amplo que englobaria os aspectos abordados neste estudo. Levando em consideração a formação da identidade pessoal, ocupacional e vocacional, a Orientação transforma-se num atendimento voltado para o adolescente enquanto indivíduo responsável pelas próprias opções. Desta forma adquire seu caráter de "tomada de posição ideológica" por parte do Orientador diante de si mesmo e do mundo, o que promove o estabelecimento de uma "relação pessoal" com cada Orientando. Esta tomada de posição, para ser posta em prática, necessita do conhecimento de psicologia do adolescente e de técnicas terapêuticas que possibilitem o trabalho prático. Não há regras, e sim algumas idéias básicas a serem levadas em consideração, que a versatilidade e a flexibilidade do Orientador converterão num acompanhamento rico e profundamente humano.

B I B L I O G R A F I A

01. Aberastury, A., y otros: "Adolescencia". Ed. Kargiemann, Bs. As., 1971.
02. Aberastury, A., Knobel, M.: "La adolescencia normal. Un enfoque psicoanalítico". Ed. Paidós, Bs. As., 1971.
03. Ausubel, D. P.: "Theory and Problems of Adolescent Development". Grune & Stratton, N.Y., 1954.
04. Balser, B. H., compilador: "Psicoterapia del Adolescente". Ed. Paidós, Bs. As., 1972.
05. Barros Santos, O.: "Orientação e Seleção Profissional". Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. Livraria Pioneira Ed., S.P., 1963.
06. Bohoslavsky, R.: "Orientación Vocacional. La estrategia clínica". Ed. Galerna, Bs. As., 1971.
07. Bohoslavsky, R.: "Seminário de Capacitación en Orientación Vocacional". Asociación de Psicólogos de Buenos Aires. Ed. Marivelcha, Bs. As., 1970.
08. Bohoslavsky, R.: Comentario sobre o trabalho de Raúl Courel, "Elaboraciones en el campo del esclarecimiento vocacional", Revista Argentina de Psiquiatria y Psicologia de la Infancia y de la Adolescencia, año 3, nº 2, oct. 1972, pág. 289.
09. Córdoba, L., Rascovsky, A., Wenceblat, J. C.: "Psicoterapia breve en adolescentes". Cuadernos de la S.A.P. P.I.A., nº 2, 1971.
10. Erikson, E.H.: "Identidad - Juventud y Crisis". Ed. Paidós, Bs. As., 1971.
11. Grinberg, L., Grinberg, R.: "Identidad y Cambio". Ed. Kargiemann, Bs. As., 1971.
12. Holland, J. L.: "A theory of vocational choice". Journ. of Counsel. Psychol., vol. 6, nº 1, 1959.
13. Jeangros, E.: "Orientación Vocacional y profesional". Ed. Kapelusz, Bs. As., 1959.
14. Josselyn, I. M.: "Adolescence". Harper & Row Publ., - N. Y., 1971.
15. Kalina, E., Rascovsky, A.: "Indicaciones y normas tec

- nicas para las psicoterapias grupales de tiempo limitado en adolescentes". Cuadernos de la S.A.P.P.I.A., nº 2, 1971.
16. Katzenstein, B.: "Orientação Profissional no Brasil". Arq. Bras. de Psicotéc., Ano 2, nº 2, 1950.
  17. Kuznetsoff, J. C.: "Psicoterapia Breve en la Adolescencia, Consideraciones sobre diagnostico y tratamiento". Cuadernos de la S.A.P.P.I.A., nº 2, 1971.
  18. Masterson, J. F.: "El dilema psiquiatrico del adolescente". Colección Paidós-Asappia, Bs. As., 1972.
  19. Piaget, J.: "Seis estudios de Psicología". Cia. Ed. Forense, R. J., 1969 (3a. ed.).
  20. Scheefer, R.: "Atuais diretrizes de Orientação Profissional". Arq. Bras. de Psicotéc., Ano 18, nº 1, 1966.
  21. Seminério, F. lo P.: "Questões metodológicas de Orientação Profissional". Arq. Bras. de Psicotéc., Ano 20, nº 2, 1968.
  22. Super, D.: "Psicología de los intereses y las vocaciones". Ed. Kapelusz, Bs. As., 1967.
  23. Super, D.: "O uso de computadores na orientação: Uma experiência na escola secundária". Arq. Bras. de Psic. Aplic., vol. 24, nº 2, 1972.
  24. Weil, P.: "Psicodrama de Antecipação em Orientação Profissional". Arq. Bras. de Psicotéc., Ano 18, nº 1, 1966.

Tese apresentada no  
Departamento de Psicologia  
da Pontifícia Universidade Católica  
do Riode Janeiro,  
fazendo parte da Banca Examinadora  
os seguintes professores:

---

Prof. Maria Helena Novaes Mira

---

Prof. Monique Augras

---

Prof. Aroldo Rodrigues

Aprovada e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, fevereiro de 1973.